

KARYLLEILA DOS SANTOS ANDRADE<sup>(1)</sup>

**EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS  
ENTRE OS KARAJÁ  
“*Iny rybe*”<sup>(1)</sup>**

*Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto.*

(1) Bolsista do CNPq

(2) “nossa fala”

**São Paulo,  
maio de 00**

*Yny rybe,*

*“Uma vez, um homem saiu para a terra...  
todos os homens viviam no fundo do rio... foi andando,  
caçando mel e encontrou frutas, mangaba (...) levou  
para o fundo d’água... contou tudo sobre o novo mundo...  
lugar bom, bonito... espalhou a história...  
depois a família koboí quis sair, mas ele era gordo...  
saiu só a metade... ele viu que não era lugar bom...  
aí ele voltou e os que vieram formaram o povo karajá.*

*(Idyuraru Karajá)*

## **Banca Examinadora**

---

**Profª Drª Marimárcia Guedes**

---

**Profª Drª Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick**

---

**Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto**  
Orientador

## *Tikotuetuke!*

Agradeço a todos que compartilharam comigo momentos de descoberta, troca e soma de informações, sucesso e angústia.

Ao Idjarruri Karajá, que me apresentou ao grupo, possibilitando trabalhar de forma agradável e enriquecedora.

À Joana, diretora da escola na comunidade Txuiri, ao Sr Idjaú, João Vinheriá, Cláudio Javaé e Beriaru, meus informantes. Pela paciência que tiveram em transmitir informações e dados na língua.

Às professoras Isabel Cristina, Sueli e Eva, pelas dicas de redação, conteúdo e motivação. É bom tê-las por perto!

Aos amigos, em especial a Rute, Sandra e Rosane, pelo otimismo e conforto!

Ao Ariel, que sempre se mostrou presente!

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio e a segurança. Obrigada!

À Irenides, que me apresentou à cidade de São Paulo. Cidade de contraste, mas maravilhosa!

À Secretaria de Educação do Estado do Tocantins e ao Ministério da Educação e Cultura (via CNPq), pelo apoio à pesquisa.

Ao professor Waldemar, meu orientador, pelas críticas e orientações. Sinto-me imensamente recompensada.

## **RESUMO**

*O léxico reflete as idéias e conceitos, da mudança contínua e gradativa do mundo e da sociedade. É, pois, susceptível de transformações quando, em contato com outro ambiente lexical, desencadeia, num ciclo mutacional, permuta de unidades lingüísticas de um ambiente para o outro. O presente trabalho tem como objetivo estabelecer as regras de produção, provenientes do sistema inter e extralingüístico, que possibilita a adoção de novas unidades lingüísticas. A língua a ser pesquisada, pertence ao grupo karajá, família karajá, tronco macro-jê (Rodrigues, 1986), situada na Aldeia Txuiri, Ilha do Bananal, Estado do Tocantins.*

*Palavras-chave: empréstimo - léxico - karajá.*

## **ABSTRACT**

*The lexicon lexical reflects the ideas and concepts, continuous and gradual change of the world and society. Therefore, it is susceptible of change when in contact with another lexical environment, it inchains in mutational cycle, exchanging linguistic units from one environment to another. The major goal of this paper is to establish the rules of productions, deriving from the interlinguistic and extralinguistic system, which makes possible the adoption of new linguistic units from another language. The language that is going to be studied, belongs to macro-jê trunk, karajá family, karajá language, that it is situated in South America, Brazil, Tocantins State, Txuiri village.*

*Key-words: borrowing - lexicon - karaja.*

## RESUMÉ

*Le lexique est le reflet des idées, concepts, du changement continu et gradatif du monde et de la société. Le lexique est, donc, susceptible de changements. Lorsqu'en contact avec une autre anbrance lexicale il déchaîne, dans un cycle mutationnel, le troc d'unités linguistiques d'une anbrance à l'autre. Ce travail a l'objectif d'établir des règles de production et les processus provenant du système inter et extralinguistique, que participent du renouveau lexical des karajá. La langue, objet de la recherche, appartient au groupe karaja, famille karaja, tronco Macro-Jé (Rodrigues, 1986) située dans l'aldeia Txuiri, Ilha do Bananal, Estado do Tocantins.*

*Mot clés: emprunt – lexique - karaja*

## ÍNDICE

Introdução.....	01
1 - Reflexos teóricos sobre as relações entre língua, visão de mundo e realidade.....	04
2- Dados sociolingüísticos e cosmovisão karajá.....	10
3 – Aspectos lingüísticos da língua karajá.....	14
3.1 – Morfemas na língua karajá.....	14
3.2 – Definição de raiz, radical e afixos.....	18
3.3 – Modalidades de combinação morfemática segundo Fortune.....	21
4 – Renovação lexical.....	25
4.1 – Neologia por empréstimo.....	28
4.2 – Empréstimo na língua karajá.....	29
4.3 – Empréstimo e o contexto intra e extralingüístico.....	30
5 – “Palavra” ou <b>ILI</b> (Item lexical independente).....	33
6 – Campos léxico-semânticos.....	37
7 – A visão de Haugen e Guilbert sobre o resultado lingüístico do contato entre línguas.....	40
8 – Critério fonológico.....	45
8.1 – Adaptação condicionada pelo plano fonológico dos karajá.....	45
8.2 – Criação onomatopaica.....	46
9 – Critério morfossintático.....	48
9.1 - - <b>TY</b> Y- e - <b>NY</b> Y- : um caso de variante morfemática.....	48
9.2 – <b>ILIs</b> formados por sufixos nominalizadores e agentivos.....	51
9.3 – Motivação morfológica.....	54
9.4 – Análise morfossintática de <b>ILIs</b> interlingüísticos do léxico karajá.....	54



10 – Critério semântico.....	65
10.1 – O papel do contexto nas relações de significado.....	65
10.2 – Relações de significância na língua karajá.....	66
10.2.1 – Sinonímia.....	66
10.2.1 – Polissemia.....	67
10.2.2 – Relações da polissemia com a metáfora.....	69
10.2.3 – Conexão por similitude e contiguidade.....	71
10.2.3.1 – Similitude.....	71
10.2.3.2 – Contiguidade.....	73
11 – Mecanismos e processos que participam da inserção de novos recortes ao léxico karajá.....	75
11.1 – Mecanismos de ampliação do léxico karajá.....	75
11.2 – Processos que participam da renovação lexical karajá.....	77
Conclusão .....	82
Referência Bibliográfica.....	86

## INTRODUÇÃO

A necessidade de pesquisar um trabalho sobre empréstimos lingüísticos entre os karajá surgiu, preliminarmente, da percepção do movimento dialético, sistema semiótico/estruturas sócio-culturais e cosmovisão que permeia as relações do grupo com a população regional, como também, da própria escassez de trabalhos científicos sobre neologia nas línguas indígenas no Brasil. O resultante lingüístico dessa interação entre os karajá e a população regional, no universo lexical, é visualizada e interpretada sob a ótica da neologia e extensão semântica.

Sabemos que a língua é dinâmica e evolutiva e que durante o seu percurso lingüístico sofre desvios: mutações, ampliações e reduções, sobretudo, no aparato lexical, fonte permanente de dinamismo lingüístico. Não podemos olvidar que a criatividade é protagonista deste cenário lingüístico que ocorre no contato entre línguas. Ainda que tenha o papel de transformar, transgredir a norma, é direcionada por regras, regras estas que compreendem o próprio sistema.

De uma forma geral, são dois os mecanismos de ampliação lexical: criação lexical a partir de estruturas morfemáticas internas e adoção e adaptação de uma nova unidade de língua estrangeira. Weinreich (1974), concernente à adoção e adaptação de novos recortes à língua importadora, remete-se ao critério da interferência. Fenômeno, na

visão do autor, que se cria a partir da quebra da norma. Ou seja, durante o intercâmbio de unidades de um sistema para outro: interferência fônica, gramatical e lexical.

No caso karajá, salienta-se sobretudo a interferência fônica e lexical, isto é, transferência de seqüências fônicas, reprodução parcial ou total da unidade importada e designação do novo recorte por meio da extensão semântica de unidades disponíveis no léxico. Para Haugen (1974) todo falante reproduz, previamente, padrões lingüísticos apreendidos nas novas situações lingüísticas, enquanto Guilbert (1975) assinala que a neologia por empréstimo não consiste na criação de um novo signo, mas na sua adoção. Acrescenta que ao adotar um novo elemento, a comunidade receptora adota não apenas o novo recorte, mas seu correspondente lingüístico.

Se considerarmos os diferentes processos de criação de neologismo, as relações língua-sociedade-cultura e, ainda, o inter-relacionamento dos sistemas semióticos, verbais e não-verbais, poderemos estabelecer, a partir do *corpus* levantado, possíveis modalidades de inserção de novos recortes no léxico karajá: adaptação fonológica, importação parcial ou total dos novos recortes e extensão semântica de unidades efetivas.

Durante a etapa de sistematização dos processos de inserção de novos recortes no léxico karajá, tivemos que nos remeter a um estudo reflexivo sobre as relações entre língua-visão de mundo e realidade, explicitado no capítulo I; um estudo sobre os aspectos lingüístico-descritivos da língua karajá, neologia por empréstimo, modelos teóricos, definição de termos pertinentes ao objeto de pesquisa e delimitação dos campos léxico-semânticos no capítulo II e, no capítulo III, trabalhamos na apresentação dos possíveis processos e mecanismos que fazem parte da ampliação lexical do grupo.

Quanto à cosmovisão karajá, estes se encontram, no momento, em um processo de retomada da consciência lingüística, política e cultural. Imbuídos de respeito e valorização, o grupo volta-se à própria questão da identidade e sentimento lingüístico, que segundo seu João Vihenriá serve para identificá-los. Assim sendo, uma das grandes preocupações nas comunidades karajá é a educação. Uma educação voltada aos anseios e expectativas do grupo.

Desse modo, a intenção do presente trabalho é levantar e formalizar, no primeiro momento, a parte teórica que envolve o estudo e, depois, em parceria com órgãos públicos, elaborar e confeccionar material didático para a própria comunidade. De acordo com Rodrigues (1994), os karajá pertencem ao tronco Macro-Jê, família karajá, língua karajá. A aldeia Txuiri, na Ilha do Bananal, serviu de base para coleta dos dados. Três foram os informantes que colaboraram no levantamento do *corpus*: Sr Idjaú, mais conhecido como Sebastiãozinho, (aproximadamente 65 anos), o professor bilíngüe Cláudio Javaé (aproximadamente 30 anos) e a menina Beriaru (7 anos).

*“A língua é importante pra gente se comunicar, identificar...  
nós temos língua bonita e outra cultura também...”*  
(João Vihenriá)

## CAPÍTULO I

### 1 - REFLEXOS TEÓRICOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, VISÃO DE MUNDO E REALIDADE

Uma das grandes discussões na lingüística contemporânea é a sua insistência na autonomia das estruturas lingüísticas face às realidades extralingüísticas. Sabe-se que, ao contrário desta tese, os lingüistas de hoje reconhecem uma interdependência entre as duas. As necessidades da comunicação influenciam a estrutura lingüística que, por sua vez, determina a concepção que os sujeitos falantes têm do mundo.

No entanto, dois aspectos devem ser reconhecidos: as estruturas da língua não dependem diretamente da realidade visto ser a linguagem não uma cópia fiel da realidade; em segundo, as categorias da língua expressas pelo falante são suscetíveis de influenciarem a maneira peculiar do ser falante ver, pensar e sentir o mundo - não é o real que impõe a sua significação ao signo; é o signo que permite dotar o real de significação.

Confronta-se aqui com a velha tese da lingüística estrutural - princípio da imanência<sup>1</sup>. Segundo Corneille (1982), as línguas recortam arbitrariamente a realidade

---

<sup>1</sup> Greimas e Courtes “a autonomia da lingüística – justificável pela especificidade de seu objeto, afirmada com insistência por Saussure, foi retomado por Hjelmslev sob a forma de princípio da imanência: sendo a forma (ou língua no sentido

sensível e a transpõe para um sistema de signos, que se definem em relação aos outros, no interior de uma rede de relações puramente internas.

Neste sentido, as categorias lingüísticas são condicionadas e elaboradas com base nas oposições intrínsecas à estrutura lingüística e por isso são independentes das categorias extralingüísticas. De acordo com essa tese, cada língua é um sistema que opera com relação à realidade que é exclusiva daquele grupo. Além de sistemática, ela estrutura um modo particular de ver a realidade e, por isso mesmo, estabelece os elementos da realidade que são característicos dessa língua. Por não praticar uma cópia fiel da realidade, as categorias lingüísticas variam dentro da própria comunidade como também de uma língua para outra.

Deste modo, para estabelecer a construção do aspecto realidade é necessário a filtragem desta pelo homem que é específica de determinado grupo. Ainda de acordo com Corneille (1982):

“O pensamento puro - se admitirmos que ele possa preexistir – deve, para se exprimir, passar pelos moldes de uma forma lingüística pregnante; os dados imediatos da realidade em bruto são constantemente filtrados, reinterpretados, deformados pelas categoria de novos esquemas lingüísticos”.

Estas afirmações são corroboradas quando na língua karajá os falantes concebem a realidade de forma diferente.

---

saussureano) o objeto da lingüística, qualquer recurso aos fatos extralingüístico deve ser excluído por ser prejudicial à homogeneidade da descrição.

Ex: ritina 'rabiscador'

labi 'rabiscador'

Os falantes partem de diversas maneiras de estruturar e recortar o universo natural, não havendo uma ordem sistematizada para a distribuição das denominações em uma língua. Assinala-se que, no caso karajá, há o entrelaçamento de aspectos lingüísticos e não lingüísticos.

Wolf (1990) afirma que:

“Así, pues, el desglose, la división dentro de una lengua individual, significa desglose de la realidad mediante los conceptos de una lengua individual. Estos conceptos no vienen dados de antemano, sino que el hombre los crea al transformar el mundo en sustancia verbal. Esta apreciación implica que la segmentación de la realidad, tal como se da en las lenguas individuales, no es una segmentación extralingüística dada de antemano. El hecho de que, para Aristóteles, el arco iris se componga de trez colores solamente, y para el hablante de alemán, español o francés de siete, es un claro ejemplo de que la división de um ámbito de la realidad es diferente para cada lengua individual. La lengua traza fronteras allí donde la realidad sólo conoce una continuidad. Esto significa que, tanto para la determinación de conceptos como para la organización lingüística de un ámbito de la experiencia, la realidad misma no proporciona categorías prelingüística.

Es, por lo tanto, absurdo pretender interpretar estructuraciones lingüísticas a partir de las supuestas

estructuras de la realidad: el comienzo tiene que hacerse con la asserción de que no se trata de estructuras de la realidad, sino de estructuraciones que la interpretacion humana há impuesto a la realidad”.

Para o estruturalismo não importa os mecanismos mentais que presidem a elaboração das mensagens; o papel mais importante no veículo da mensagem é a fala – modo como o significante sonoro transmite informações e orienta o ouvinte para a significância. Com efeito, a fala é o ponto de partida enquanto a representação objetiva é o fim do processo.

Segundo Cassier (1933: 44-47) o papel da linguagem não se limita de maneira nenhuma a comunicar pensamentos preexistentes, mas antes é o mediador indispensável para a formação do pensamento.

“A linguagem não é uma simples transposição do pensamento para a forma verbal. A idéia não preexiste à linguagem, forma-se nela e por ela (...) A idéia surge quando se fala”.

Torna-se oportuno assinalar a importância das relações entre língua e realidade para os estruturalistas, tanto na linha européia quanto americana. De um modo geral, os estruturalistas assumem a postura de que cada língua interpreta diferentemente a realidade e esta mesma realidade assume aspectos diferentes; as categorias lingüísticas codificadas são independentes da realidade e que cada língua, como sistema, corresponde a uma organização sistematizada dos fatos da experiência, tornando-se tal sistematização



exclusiva daquele sistema e incomparável a outro. Whorf admite que a língua pode determinar traços culturais; Já Bloomfield diz que a cultura determina a língua e Sapir a considera como sendo constituída por dois processos paralelos de diferentes nuances, o que dificulta a percepção da relação entre língua e cultura.

No que se refere à hipótese de Sapir-Whorf, pode e deve ser resumida na seguinte idéia: o universo mental do falante é determinado pelas estruturas da língua que fala, tendo estas estruturas a procedência de recortes arbitrários da realidade.

“(...)O relativismo lingüístico modifica o veredicto do Senhor Senso Comum. Em vez de dizer: as frases são diferentes porque evocam fatos diferentes, passa a dizer: os fatos são diferentes para os locutores cujo pano de fundo lingüístico atribui a esses fatos uma formulação diferente. (...) As línguas não se distinguem apenas pela construção das suas frases, mas também pelo modo como recortam a natureza a fim de obter os elementos que integrarão estas frases.”

(Whorf, 1956)

Reportando-se ao caso karajá, baseados nas asserções acima no que tange ao processo de codificação, este não é necessariamente uniforme dentro da comunidade. O falante, geralmente, codifica as categorias lingüísticas novas ou novos recortes encaixando-os, em muitas das vezes, na estrutura lingüística interna disponível.

Há de se considerar que o fenômeno social e as modificações que a língua sofre ao longo do tempo fomentam uma interdependência entre estrutura lingüística e a sociedade que se serve desse sistema como veículo de informação.

No grupo karajá, observa-se uma certa influência do aspecto social no processo de decodificação. A idade e a proficiência na segunda língua estabelecem parâmetros para a decodificação de novos elementos, porém sistematizados a partir de categorias lingüísticas previamente disponíveis no sistema, seja a partir do léxico, do sistema fonológico, morfossintático ou semântico.

Corroborando o comentário acima, Sapir (1969) considera marcante a influência da forma de utilização do ambiente sobre a língua, em seus aspectos: léxico, fonético e gramatical, sendo o primeiro o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes.

Na verdade, pode até ser considerado, quando na sua totalidade, o complexo inventário de todas as idéias, atividades e ocupações que constituem interesse da comunidade. Se dispusermos de um conjunto léxico completo da linguagem de um grupo social, poderemos inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do grupo considerado.

O léxico é um dos aspectos lingüísticos mais suscetíveis de ampliação. Nesta condição, mencionam-se as possíveis possibilidades de ampliação de codificação, baseando-se nos recursos de um sistema lingüístico. Uma destas possibilidades é a ampliação por empréstimos – tomar emprestado lexemas de outras línguas. Particularmente, os karajá se utilizam tanto deste processo quanto da ampliação por meio de categorias lingüísticas preexistentes.

*“A lei do antigamente não pode perder”*

(Sr. Idjaú)

## **2 - DADOS SÓCIO-LINGÜÍSTICOS E COSMOVISÃO KARAJÁ**

A comunidade que serviu de apoio para a coleta de dados foi a Txuirí. São cerca de 200 índios (karajá e javaé) vivendo às margens do Rio Javaé, parte leste da Ilha do Bananal, Estado do Tocantins.

A língua estudada pertence ao tronco Macro-Jê, família karajá, língua karajá. Há três variantes nesta língua: os javaé, os karajá propriamente ditos e os xambioá, mais ao norte da Ilha.

*“(...) javaé e karajá fala diferente um pouco... algumas palavras nós não entendemos... têm muitas palavras que: que eles falam errado mas pra eles é certo.. pra eles é certo... a linguagem deles para o karajá é errado... mas todos falam e todos se entendem igual...igual com a civilização... Goiânia fala diferente, carioca já fala diferente, baiano fala diferente... tudo é diferente um pouco... índio é a mesma coisa... fala um pouquinho diferente mas todo mundo se entende. “*

(depoimento do Sr Idjaú, fevereiro de 1998)

Durante o trabalho, observou-se que a situação de presença, atuação e identidade étnico-cultural da comunidade karajá da Ilha do Bananal, depois do movimento de retirada dos fazendeiros da Ilha por parte do governo federal, têm sofrido modificações.

O anseio e a determinação por liberdade de convívio, uso e preservação da cultura e língua vem se instalando em quase toda a comunidade. As dificuldades de sustento são problemas enfrentados pelo grupo. Sua adaptação ao novo regime de subsistência, menos ligado à exploração dos recursos naturais disponíveis e mais ligados à uma realidade sedentária, está em fase de implementação.

*“(..).como a civilização está bem perto de nós... que com avanço tecnológico que:: tem chegado até nós aqui... os índios karajá são afetados direto e indiretamente... principalmente pelo menos aqui na Santa Izabel (...) nós podemos ver que ninguém pode proibir por meio de imPOR... exigir que nós temos que viver como a 20 anos atrás... como nos tempos de meus avós que andava de tanga, pintura... eh:: difícil... o ser humano eh::... tem vontade de progredir... ele não pode EXPRESSAR porque não sabe falar português...o anseio de cada ser humano... como os karajá... ele tem o anseio de de:: adquirir as coisas do branco... quer ter motor... não quer andar de canoa (...) não planta mais mandioca prefere comprar farinha(...) meus pais eram fortes, mais saudáveis agora somos fracos.. Por quê?...alguém introduziu a comida a alimentação diferente... agora tira um hábito como por exemplo comer pão branco que não tem alimento nutritivo (...) a cidade tá bem aí... todo dia vai o índio... vai lá e vê isso daí ..”*

(depoimento João Vihenriá, dezembro de 98)

No processo de transição, permuta, acolhimento e devolução de informação de um falar-A a um falar-B, os karajá sentem, diante de quebras e desvios, uma necessidade de valorização da cosmovisão lingüística e cultural do grupo. Tudo isto está longe com certeza de quebrar o ânimo do grupo. Suas festas anuais: hetohokã e a festa do aruanã marcam seus rituais e sua identidade cultural. É nesses momentos que eles celebram valores vigentes na sua situação atual. Na tentativa de adaptação à nova sociedade, sentem necessidade de mudanças, porém a todo momento procuram evidenciar seus valores.

*“desde de antigamente começou a:: aruanã... festa hetohoka que chama...uma brincadeira... todos que é de antigamente o índio não é pra deixar... lá em Xambioá os pessoal mais novo não fala karajá... mandou duas professoras pra lá agora... o índio do Araguaia karajá pra ensinar pra eles as palavras de de:: indígena, nê?...”*

(depoimento do Sr Idjaú, agosto de 98)

Um dos informantes foi o Sr. Idjau, mais conhecido por Sr. Sebastião. Ele foi um dos informantes dos Fortune, primeiros pesquisadores na língua karajá, no começo da década de 1960. Familiarizado com o trabalho de pesquisa, o informante tem consciência da importância do estudo da língua.

*“...o índio tá deixando de usar a vivência de lado... agora tem que acompanhar o civilizado (...) num pode largar o que já foi da gente (...) o livro indígena... o livro indígena... esse aí... essa cartilha foi feita por mim... foi eu e um amigo meu... que chama David... ah:: um casal David e Gretchen... até a biblia... esse servia foi feito muito importante... porque até pra gente estudar a palavra de Deus tem aqueles escritos... quem*

*não sabe estudar em português tem aquele palavra em indígena... agora é também difícil estudar a língua... a linguagem da gente... não é só que a gente olha eh:: vai vendo não ... tem que estudar também... porque tem livros que foi feito em indígena...”*

(depoimento do Sr Idjaú, agosto de 98)

Além disso, os informantes remeteram ao processo de aquisição de novas unidades, emitindo, ainda que a partir do senso comum, opinião sobre o processo.

*“(...) geralmente..., porque nunca viram antes uma coisa assim... igual essa aí:... geralmente ele adapta a sua língua... então televisão diz televiSÃO o::... o que quer dizer a:: o:: sotaque dele eh:: não tem outra explicação ( ) é um pouco em karajá eh:: o tom da língua(...) na Txuiri eles fala itxerena aqui se fala televiSÃO.. a gente fala sotaque diferente e algumas coisa são diferente aqui... lá: na Canoanã...( ) essas coisas novas que entram agora dá o nome assim mesmo... djuoronã... porque djuoronã a gente coloca o ponta do lápis dentro... não tem isso vai fazendo aquelas ponta...porque ele aponta...ah:: tem rurao... que é quadro de aula... rurao é uma coisa quadrada, nê? Porque a gente vê que é uma coisa quadrada e dá o nome rurao... tem também quaDRÖ que é também no karajá...”*

(depoimento João Vihenriá, dezembro de 98)

*"(...) a língua karajá é fácil ( ) difícil mesmo é a língua de vocês...*

*Beriaru*

### **3 - ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LÍNGUA KARAJÁ**

Para interpretar lingüisticamente como os novos recortes adentram ao universo lexical karajá, foi necessário, inicialmente, estudar a estrutura morfemática da língua, definir “palavra” e empréstimo na língua karajá.

#### **3.1 - MORFEMAS NA LÍNGUA KARAJÁ**

Os morfemas são unidades morfológicas cuja definição proposta por Hockett (1958) os identificava como o menor elemento com significação independente, numa língua natural. Os morfemas têm uma estrutura própria na língua karajá. Podem ser considerados unidades que, encaixadas a outras, formam unidades lexicais maiores, ou seja, elementos que participam na construção de uma ‘palavra’ ou, como foram atribuídas neste trabalho, *ILI (Item Lexical Independente)*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado, no lugar de palavra, para designar a unidade combinatória na língua karajá. Ver maiores detalhes no capítulo sobre “Palavra” ou Item Lexical Independente – *ILI*.

Fortune (1964: 03) assinala que os morfemas karajá são divididos em raízes, unidade básica de significância da língua, e afixos que expressam relação direta e comutativa com as raízes. O autor acrescenta ainda que certas raízes, assim como, os afixos passam de categoria para categoria, isto é, afixos servem como raízes e raízes como afixos.

(...) “one morphem in Karajá *-he-* can be assigned either to the root or to the affix class.<sup>3</sup>”

Ex: *aohebo* ‘porque’ (pron. interrogativo – raiz)

*hekie* ‘então’ (introdutório frasal – afixo)

Em karajá, os constituintes do *ILL*, unidade combinada, dotada de significado, através de unidades lexicais internas, isto é, a unidade resultante da comutação entre radical e afixos ou vice-versa ou ainda radical mais radical, são facilmente isoláveis. Observando a estrutura léxica dos karajá, os constituintes morfológicos internos, que comutados, constituem a unidade maior, possuem um *designatum*<sup>4</sup> intralingüístico.

No caso específico dos novos recortes, essas mesmas unidades combinadas possuem um *designatum* de caráter extralingüístico, ou seja, elementos externos oriundos da interdependência sócio-econômico em que vive o grupo com a população regional. Entretanto, exceto os elementos que são considerados empréstimos propriamente ditos, na maioria dos casos, os novos recortes encontram nos *ILLs* preexistentes, ou seja, nas



unidades efetivas, elementos lingüísticos (expressão-conteúdo) suficientes para estabelecer o novo *designatum*, sofrendo apenas adequações, isto é, ampliações no sentido.

Para melhor explicitar essa relação, ainda que nos capítulos seguintes pretenda-se dar maior ênfase a esse aspecto, apresentamos logo abaixo exemplos dessa relação que envolvem um plano morfossintático distinto de um semântico. Essa distinção é observada, sobretudo, quando elementos exógenos adentram à língua indígena. No que tange ao aspecto interno da língua, verifica-se apenas a combinação de constituintes morfossintáticos para formar unidades lingüísticas internas.

Ex: **wawa**<sup>5</sup>

*wa-* (pron poss)

*-wa* (nome) ‘pé’

Por outro lado, no exemplo abaixo, observa-se uma outra realidade lingüística atribuída à mesma unidade *wawa*. Neste caso, o *ILI* efetivo sofre uma ampliação no sentido do conteúdo inicial.

Ex: **wawa** – (tênis, sandália) ‘qualquer tipo de calçado’

Na lingüística tradicional, os morfemas são divididos em lexemas e gramemas<sup>6</sup>. Os lexemas situam-se no léxico e não na gramática. Remetem-se a um inventário aberto, por isso são autônomos, pressupõe-se a presença de gramemas para

---

<sup>3</sup> FORTUNE (1964: 1)

<sup>4</sup> Termo atribuído por MORRIS (1976: 13). Ver maiores detalhes no capítulo sobre Renovação Lexical.

<sup>5</sup> FORTUNE (1964)

<sup>6</sup> LOPES (1976: p. 152 a 166)

pertencerem a uma determinada categoria gramatical. Os gramemas pertencem a uma classe fechada, finita. Desse modo, não possuem correspondentes no universo antropológico, apenas quando estes se encaixam nos lexemas.

São indicadores de função e destinam-se a estabelecer relações, apresentando-se como alternadores do significado da base lexemática. Além disso são considerados, pelo seu caráter complementativo à base, adjuntos em relação a essas mesmas bases. Alguns autores dividem os morfemas em gramemas independentes ou não-separáveis e gramemas dependentes ou separáveis. Os primeiros são formas livres e determinam com adjuntos uma base, já os segundos, incidem sobre uma base lexêmica, mudando-lhe a função.

Ainda que seja um fenômeno lingüístico comum em várias línguas, vale ressaltar que na língua karajá o morfema também possui uma característica lingüística particular, ou seja, todos os signos que pertencem ao universo lexical do grupo podem ser identificados da ótica morfossintática, semântica e fonético-fonológica. No caso de novos recortes, além do aspecto morfossintático-semântico individualizado, o aspecto fonológico é próprio da estrutura interna e, por isso ao incorporar tais elementos à língua, o ambiente fonológico karajá se sobrepõe aos elementos adentrados, adaptando-os à realidade fônica do grupo.

Ex: *labi* – ‘rabiscador’

No entanto, no caso das onomatopéias, a identificação dos constituintes do *ILI* manifesta-se em um nível subjacente ao morfossintático interno da língua. É uma

entidade já incorporada ao sistema karajá não por critérios formais, mas por associações fônicas e semânticas tanto em relação ao referente externo quanto ao interno.

Com efeito, a unidade comutada ou *ILLI* possui significado próprio. Assim, é atribuída à raiz qualquer entidade flexional, derivacional, pronomes, posposições locativas, etc, ou seja, elementos afixuais que adjuntos a essa base possam alterar ou modelar a categoria morfossintática da unidade maior, ou *ILLI*. Os elementos que compõem essa unidade maior, cujo conceito será abordado no próximo item, são: raiz e afixos.

### 3.2 - DEFINIÇÃO DE RAIZ, RADICAL E AFIXO

A descrição e distribuição de morfemas, numa língua dada, não é simples, há diferentes fatores envolvidos: a tipologia de morfemas que determina sua distribuição; diferentes modalidades através das quais os morfemas se combinam formalmente para formar unidades maiores. Para o presente estudo, importa definir raiz e afixo baseados e inseridos no objeto maior do trabalho: empréstimos lingüísticos entre os karajá.

Nida (1949), quanto à distribuição dos morfemas, afirma que em toda e qualquer língua devem ser observados dois pontos fundamentais: o inventário morfêmico e sua combinação. Acrescenta ainda que a fusão, ou seja, os arranjos morfemáticos entre morfemas sugere na formação de palavras e estas, por sua vez, frases, que são descritas em unidades maiores. Sobre a combinação de morfemas, diz que em cada língua há um sistema diferente de comutação e que dentro de cada sistema há restrições rígidas.

Concernente à distribuição, a autora estabelece uma farta classificação<sup>7</sup>. Sobre essa classificação, importa destacar a diferença que ela estabelece entre o núcleo e estruturas periféricas (*nuclear vs peripheral structures*). Compreende o núcleo, a raiz da palavra e estruturas periféricas, os afixos, ou seja, estes últimos compreendem os *non-roots* e, por isso estão sempre fora do constituinte nuclear da ‘palavra’.

Fortune (1964), como já foi abordado anteriormente, dividiu os morfemas em raízes, unidade básica da ‘palavra’, e afixos que são acoplados a essa base. O autor classifica palavras como: nomes, verbos, interrogativos, preposições, atributivos (palavras que combinadas com nomes formam expressões nominais; incluem números, negativizadores e adjetivos) e outros.

De acordo com o autor, a raiz é descrita e subdividida em nominais, verbais, pronominais e outras raízes (expressões onomatopaicas e exclamativas e introdutórias); os afixos em pronomes, nomes, verbos (derivacionais e flexionais) e outros afixos; e os radicais em nominais e verbais. A idéia de radical, interpretada pelo autor, é a junção de uma raiz e um afixo. Em alguns dados, observa-se a imprecisão do autor quanto à classificação dos morfemas; ora um elemento aparece como raiz, ora como afixo. Veja abaixo, com mais detalhes, a tipologia dos morfemas quanto à sua distribuição; segundo Fortune.

---

<sup>7</sup> NIDA (1949: 81 a 86)

<b>RAIZ</b>	-nominais (livres e presos)
	- <i>pronominais</i> (livres e presos)
	- <i>verbais</i> (verbos ativos e descritivos)
	- <i>outras raizes</i> (expressões onomatopaicas, exclamativas e introdutores de sentenças)
<b>AFIXO</b>	- <i>pronominais</i>
	- <i>nominais</i> (pref. possessivos; suf. pluralizadores e derivacionais; posposicionais locativos)
	- <i>verbais</i> (derivacionais (suf. negativizadores; enfáticos; continuativos; nominalizadores e verbalizadores) e flexionais (pref. pron. dos verbos descritivos e ativos; suf. pluralizadores; pref. reflexivos; afixos temporais))
	- <i>outros afixos</i> (alto nível)
<b>RADICAL</b>	Nominais
	-verbais

### 3.3 - MODALIDADES DE COMBINAÇÃO MORFEMÁTICA SEGUNDO

#### FORTUNE

Afixo + raiz ⇒ *aju*

*a-* ('dele/dela' pron. pref. poss)

*-ju* ('dente' – raiz nominal)

Raiz + afixo ⇒ *inyboho*

*Iny-* ('povo' – raiz nominal)

*-boho* (suf. pluralizador)

Afixo + raiz + afixo ⇒ *taberytenyteri*

*ta-* (pref. verbal 2ª pessoa do singular)

*-bery-* ('estar com medo' – raiz verbal)

*-teny-* (suf. verbal de número)

*-teri* (suf. verbal modo temporal)

Quanto à interpretação lingüística dos novos recortes pelos karajá, sendo em grande parte substantivos, opta-se por uma distribuição mais restrita, tendo em vista que um dos modos de interpretação dos mesmos é feito a partir de *ILIS* preexistentes.

Acredita-se que a língua, de um modo geral, varia muito quanto às possibilidades de combinação mórfica, mas como ela não é nem casual, nem arbitrária, é possível estabelecer um número limitado de processos capazes de determinar o alcance do jogo morfemático, ainda que em termos gerais. Por processo morfemático, na língua karajá, entende-se o mecanismo pelo qual dois ou mais elementos mórficos separados (ou separáveis) se unem e se soldam numa única realização.

Para melhor delimitar a descrição dos morfemas karajá, apoia-se na doutrina Bloomfieldiana, em que as formas são classificadas em livres (conforme possam ser usadas como enunciados isolados, por ex: lua, mar) e presas (quando só aparecem encaixadas às formas livres). A partir disso, faz-se necessário observar a importância da função atribuída a cada morfema na constituição do *ILI*. Por esse tipo de consideração, evita-se a designação de raiz por esta estar vinculada à perspectiva diacrônica. Isto se dá em virtude de não haver coincidência entre enfoques (dados lingüísticos) diacrônicos e sincrônicos da língua em questão.

Assim, na tentativa de estabelecer os processos lingüísticos responsáveis pela inserção de novos recortes ao léxico karajá, classifica-se o radical, nesse trabalho, como elemento principal da ‘palavra’ (nomes, verbos) e afixos, como elementos modificadores da unidade nuclear - radical.

Ex: <b>ritina</b>	‘rabiscador’
riti-	‘desenhar, escrever’(radical verbal)
-na	(sufixo nominalizador)

Desta forma, as entidades que compreendem a significação lexical – radicais - (nomes, verbos e expressões onomatopaicas) podem ser empregadas isoladamente, ou ainda, dentro do *ILI*, ser consideradas como os núcleos da unidade, ao contrário das entidades de significação gramatical (afixos na língua karajá). Estas estão subordinadas às unidades que fazem parte de um inventário aberto e, por isso não podem ser empregadas isoladamente. Assim, ocupam sempre a posição de subordinação.

Ainda com respeito à discussão sobre o trabalho de Fortune no que se refere à classificação morfológica, apresentada anteriormente, propõe-se, para o presente trabalho, estabelecer uma distribuição de morfemas mais coesa e com menos ambigüidade. Pelo fato de que a sistematização exibida pelo autor não oferecer uma exatidão, da ótica morfológica, necessária para o trabalho. Ora elementos aparecem como afixos, ora como raízes e assim por diante. (Ver classificação anterior).

Justifica-se tal discussão em virtude não apenas dos questionamentos feitos em cima dos trabalhos de Fortune, mas também pela escassez de material lingüístico na língua estudada. São poucos os trabalhos, de cunho morfológico, na língua karajá. Desse modo, surgem várias questões e uma delas é quanto à distribuição morfológica nos karajá.

Assim, por nos parecer questionável e dúbio o estudo morfológico feito por Fortune, apresentamos, embasados no trabalho do autor, uma classificação mais simplificada e harmoniosa que visa atender às necessidades lingüísticas específicas do objeto de trabalho.



<b>RADICAL</b>	Nomes
	Verbos
	Expressões onomatopaicas
<b>AFIXO</b>	Pronomes
	Preposições
	Partículas pluralizadoras, negativadoras, locativas, enfáticas, temporais, introdutórias de sentenças, nominalizadoras e verbalizadoras
	Advérbios

#### 4 - RENOVAÇÃO LEXICAL

Guilbert (1975) assinala que o léxico é o reflexo das idéias, das modalidades de pensamento, da mudança contínua e gradativa do mundo e da sociedade. É, pois, suscetível de mudanças e quando em contato com outro ambiente lexical desencadeia, num ciclo lingüístico mutacional, permuta de unidades lingüísticas de um ambiente para outro. A renovação não ocorre de forma desordenada. A dinâmica do enriquecimento do léxico depende de um controle de como poderão os recortes novos se integrarem ao sistema karajá.

Com efeito, para que seja estabelecido mecanismo que assegure a incorporação de recortes culturais, não apenas a inclusão do novo recorte, mas sua integração à língua, faz-se necessário corroborar que:

- há no inventário lexical karajá unidades efetivas disponíveis para atualização pelo falante-ouvinte;
- quanto às unidades efetivas, podem, como modelos, permitir ao sujeito lingüísticamente competente incorporar novos recortes culturais. Considera-se incorporação, o fato de que novos recortes, durante o intercâmbio de experiências lingüísticas, podem adentrar o inventário lingüístico do segundo sistema. A inclusão e interpretação do recorte, mais especificadamente na língua em questão, são feitas mediante processos e mecanismos previamente estabelecidos durante a análise e descrição de alguns dados.

Como fonte de criatividade manifestada pela competência do falante-ouvinte, o acolhimento de novas unidades determina a existência de uma consciência lingüística da coletividade, não somente pela sua admissão, como também, pela apreciação, lexicalização e aceitação dessas unidades no léxico karajá, por meio de processos lingüísticamente estruturados.

A produção do recorte e a sua utilização dependem do que Ducrot (1971) chama de *ação*, e seu exame deve levar em conta necessariamente o conjunto de situação de produção, lingüística e extralingüística. A caracterização formal (estrutura) e funcional (função lingüística e ideológica) do novo elemento não pode ser feita se não se conhece a modalidade do discurso, a situação de produção e a realidade contextual. Ao contrário, a caracterização acontece no curso do processo discursivo, na comunidade, com a presença de dois interlocutores em conjunto com o papel ideológico da linguagem. É, pois, nesse papel que o ato lingüístico do novo elemento se faz *ação*, e pode, por isso mesmo, ter influência sobre o outro e sobre o acontecimento.

O autor enfatiza ainda que, embora possam os três aspectos ocorrer simultaneamente num ato de adoção de um recorte na comunicação, sempre haverá a possibilidade de um se sobressair, conforme o tipo de enunciado, o universo do discurso, os caracteres informativos do falante-emissor e, enfim, o contexto inter e extralingüístico em que se dá a comunicação.

No caso específico karajá, o novo recorte tem caráter particularmente informativo, ou seja, de verbalizar, dentro do ambiente lingüístico do grupo, um novo *designatum* e de transmitir a informação desse referente.

Usamos o termo *designatum* tal como definiu Morris (1976:13)

“(...) o processo pelo qual funciona como signo pode ser chamado de *semiose*. Esse processo, numa tradição que remonta aos gregos, tem sido comumente considerada como envolvendo três (ou quatro) fatores: aquilo que funciona como signo, aquilo a que o signo se refere, e o efeito sobre o intérprete em virtude do qual a coisa em questão é um signo para este. Esses três componentes da *semiose* podem ser chamados respectivamente o *veículo do signo*, o *designatum*, o *interpretante*: o *intérprete* pode ser considerado um quarto fator. Esses termos tornam explícitos os fatores subentendidos na definição comum de que o signo se refere a alguma coisa para alguém. (...) A *semiose* é, pois, um “explicar-mediato”. Os mediadores são *veículos de signo*; explicações são *interpretantes*: os agentes do processo são *intérpretes*; o que é explicado são os *designata*. (...) O *designatum* de um signo é a espécie de objeto a que o signo se explica, isto é, os objetos que têm as propriedades que o intérprete explica pela presença do veículo do signo modelo.

É preciso lembrar que durante o processo de transmissão dessa informação há, em maior ou menor grau, uma modificação na visão de mundo desses interlocutores. Embora isto permita uma movimentação nas estruturas léxicas internas do grupo, proporcionada pelo caráter intersubjetivo dos falantes, provoca necessariamente uma ruptura na cosmovisão karajá.

#### 4.1 - NEOLOGIA POR EMPRÉSTIMO

É plausível afirmar que a renovação lexical é condicionada pelo caráter mutacional da língua. Além disso, como a língua não é um érgon (produto acabado) e faz parte de sua própria natureza a enérgeia (processo), as mudanças partem sobretudo do contato entre línguas e, conseqüentemente, o resultado do contato deve ocasionar deslocamento, alteração ou até mesmo substituição nos caracteres da norma. Weinreich (1974) assinala que a interferência é uma das manifestações do fenômeno do contato lingüístico.

É sabido que o contato lingüístico favorece necessariamente a mudança lingüística e uma de suas manifestações se dá na neologia por empréstimo. Esta tem sua origem no momento em que, como instrumento capaz de utilizar designações preestabelecidas ao invés de criar e/ou inventar novas designações, conceitos, objetos, lugares são transferidos de uma cultura para outra.

Compreende-se neologia como o processo pelo qual a mudança lingüística provoca o aparecimento de novas unidades – conteúdo-expressão ainda não existentes no universo lexical da uma língua e, neologismo como o produto resultante deste processo.

Na língua karajá, o neologismo por empréstimo constitui uma adoção. Acionados pela criatividade, os falantes utilizam fatores lingüísticos e não-lingüísticos (idade, proficiência na segunda língua, etc) para o estabelecimento do correspondente lingüístico na língua.

## 4.2 - EMPRÉSTIMO NA LÍNGUA KARAJÁ

O empréstimo é um dos fenômenos sociolingüísticos mais importantes em todos os contatos de línguas. Isto ocorre, de um modo geral, todas as vezes que um falante se serve total ou parcialmente de duas línguas num determinado espaço geográfico.

Desta forma, a língua evolui quer no sistema morfo-fonológico, quer no sistema sintático-semântico. Essa evolução<sup>8</sup>, no *stricto sensu*, é notada pelo caráter preliminar e essencial da linguagem humana: é um meio de transmissão, consolidação e identificação de idéias e, por isso, não tem finalidade em si mesma.

Toda coletividade humana vive intrinsecamente em contato com outra, fomentando, em uma fatia do todo, a interação, a adoção e a alteração de unidades lingüísticas na língua de uma ou de outra, proporcionando, num estado diacrônico, mudanças na estrutura lingüística de ambas as línguas. Nessa ampliação lexical, conseqüência da incorporação de novos recortes, predominam fins culturais, estéticos e mais acentuadamente, nos karajá, funcionais. Intrínseco à evolução, no que concerne a um recheio de unidades lingüísticas de um falar A para um falar B e vice-versa, estão presentes os empréstimos.

De uma maneira geral, empréstimo pode ser definido como um conjunto de mudanças que uma dada língua sofre em contato com outra, ou ainda considerando a

---

<sup>8</sup> Assinala-se o sentido de evolução atribuído por MATTOSO (1964: pág. 192) "(...) a palavra evolução em lingüística pressupõe um processo de mudanças graduais e coerente(...)".

conceitualização dada por Bloomfield (1961), adoção de traços lingüísticos diversos dos apresentados pelo sistema tradicional. O empréstimo, na língua karajá, é resultado do contato cotidiano entre índios e população regional (fazendeiros, caboclos, etc) da Ilha do Bananal. Acontece sobretudo quando, a partir da interação sócio-cultural e econômica, o sistema lingüístico interno karajá não corresponde às necessidades expressivas e comunicativas de seus falantes.

Portanto, em virtude do contato, a língua karajá usa e acaba por integrar ao seu inventário lingüístico um recorte que antes não possuía. Define-se como empréstimo, na língua karajá, todo elemento novo que antes não possuía referente cultural ou lingüístico na língua e que é inserido no universo karajá através da adoção e/ou adaptação à estrutura lingüística, em conformidade com especificidades não-lingüísticas.

#### **4.3 - EMPRÉSTIMO E O CONTEXTO INTRA E EXTRALINGÜÍSTICO**

Hjelmslev (1968: 73), referindo-se ao estudo da substância e forma da expressão e conteúdo do signo lingüístico, assinala que não se deve confundir ausência de conteúdo com ausência de sentido. Para o autor, o conteúdo é contextualizado, e portanto só se chega ao sentido específico de uma unidade, em situação de produção, em que aparecem conjugados o contexto inter e extralingüístico. Haja vista que é esta mesma situação que determina o universo de discurso sobre o qual se está operando e, por conseguinte, ao qual se está se referindo.

Deste modo, uma unidade lingüística, de um modo geral, só pode ser compreendida a partir de um enunciado associado às circunstâncias de comunicação, uma vez que nem sempre o contexto interlingüístico é explícito em si mesmo. Por isso, para que seja apreendido o sentido, ou seja, um valor específico de comunicação, toda informação transmitida deve recorrer ao contexto extralingüístico.

Toda unidade lingüística nova subsiste inicialmente no ato da fala. Por outro lado, o ato da fala só é possível em virtude das relações lingüísticas disponíveis no sistema. Diante deste fato pode-se dizer então que toda unidade disponível no sistema tem caráter polissemêmico. Como unidade polissemêmica, é no ato da fala articulado com a situação de produção é que se determina o valor específico da enunciação.

Quanto aos empréstimos, evidencia-se a dependência contextual. Esta dependência é explicitada pelo fato de que o receptor precisa necessariamente da situação de comunicação para identificar e, com isso, compreender, dentro do universo lingüístico-cultural do grupo, o sentido lingüístico, chegando finalmente às especificidades semânticas-sintáticas e morfo-fonológicas do ato, isto é, ao seu valor de comunicação - significação específica.

É preciso compreender que há na língua karajá variantes dialetais – karajá e javaé. Assim, tanto a substância semântica interpretada pelo novo recorte, como a designação lingüística, no percurso onomasiológico, não serão uniformes em ambas as comunidades. Cada grupo possui uma cosmovisão lingüística e cultural que lhe é própria, fomentando diferenças na maneira de interpretar os novos recortes.



Assim, a interpretação específica de novo *designatum* ocorre durante a decodificação (lexicalização-difusão e aceitação) do mesmo pelo falante. Decodificação, aqui, consiste em um dos elementos do processo de comunicação. Tem por objetivo reconhecer, por meio de um código, os elementos simbólicos – correspondentes ao significante saussureano com referência ao significado, enquanto referente cuja denotação é o elemento da realidade externa – constituintes da mensagem e identificá-los com os próprios recortes lingüísticos da língua a partir da qual o código foi elaborado.

Primeiramente, ocorre a lexicalização, entendida como o processo de inserção de novas unidades no léxico karajá, independente do processo que as gerou, depois vem a difusão que se dá no meio coletivo, momento em que a dada comunidade toma conhecimento do novo recorte. É no meio social que o falante passa a empregá-lo em diversas situações naturais de discurso.

Nesta etapa, pode acontecer que o novo recorte seja rejeitado, isto é, não obtenha uma frequência<sup>9</sup> de uso suficiente ou então, alcance o status de alta frequência entre os falantes. Isto quer dizer, que à medida em que ocorre a difusão, ou seja, o uso efetivo em várias situações dentro da comunidade, maior frequência ele terá, possibilitando o registro da unidade – aceitação – ato em que ele deixa de ser criação neológica, o qual faz parte do sistema e passa, conseqüentemente, à norma. Nesse processo de decodificação, ele encontra duas informações: uma informação específica do *designatum*, atribuída a uma situação individualizada, e uma informação mais generalizada da língua.

---

<sup>9</sup> GUIRAUD (1960) utiliza frequência como atributo essencial da palavra. "Certamente todo signo é uma criação individual (...) na origem mas é também e sobretudo na criação coletiva; a palavra, criada pelo indivíduo, não assume eu valor senão na medida em que é aceita, retomada, repetida; por isso ela se define, afinal, pela soma de seus empregos.

## 5 - “PALAVRA” OU ILI (Item Lexical Independente)

Segundo a hipótese de Whorf-Sapir, cada língua traduz o mundo mediante recortes culturais e sociais de sua própria realidade. A língua reflete uma cosmovisão que lhe é própria, cuja reflexão e tradução é expressa em categorias gramaticais e lexicais. Remonta-se a Herder-Humboldt<sup>10</sup> a idéia de que a estrutura da linguagem, que um indivíduo utiliza habitualmente, influencia a forma de compreender o ambiente circundante e que, por isso, a imagem do universo varia de língua para língua. Assim, tornou-se óbvia a idéia de que língua e cultura estariam estreitamente relacionadas e que, por sua vez, o estudo da primeira abre caminho para a segunda.

Para comprovar esse vínculo entre cultura e língua, Humboldt<sup>8</sup> considera que a diferença real entre as línguas não se encontra necessariamente no inventário fonético ou morfemático de dada língua, mas na junção desses dois conjuntos mais as perspectivas cósmicas ou visões do mundo dessa língua.

Julga-se necessário enfatizar que, no intercâmbio de línguas, os recortes lingüísticos culturais codificados por um dado sistema lingüístico são exclusivos daquele sistema. Isso é decorrente da maneira pela qual uma comunidade lingüística, isenta de homogeneidade lingüística, vê o mundo circundante, interpretando-o dentro de sua ótica morfo-fonológica, sintática e semântica peculiar.

---

<sup>10</sup> Citado por Leza, *Reflexiones sobre la identidad étnica*, p.122.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p.123.

Lyons (1981) diz que a possibilidade de interpretações não é necessariamente constante nem uniforme por toda uma comunidade. Dessa forma, a presença de empréstimos na comunidade karajá deve ser vista à luz da situação sociolinguística (proficiência na segunda língua, idade, etc), do momento da enunciação no contexto de produção e do uso da língua, de recortes culturais nas diferentes variantes linguísticas (javaé e karajá) da própria comunidade. Tudo isso favorece uma mudança na maneira de interpretar novos recortes.

A título de exemplificação, em alguns casos incorpora somente o referente extralinguístico sendo decodificado pelos membros do grupo por unidades internas *ILIs* – ‘ritina’; em outros, a importação fomenta modificações ou adaptações no padrão fonético-fonológico da língua – ‘labi’. É importante observar o aparecimento de variantes (‘labi’, ‘ritina’) para o mesmo *designatum*. Aqui, leva-se em consideração sobretudo o contexto de produção, a frequência em que é enunciada e a proficiência na segunda língua.

Para melhor exemplificar, apoiados na hipótese Sapir-Whorf, apresentamos dados que caracterizam a idéia de interpretar novos recortes, sob a ótica linguística karajá.

Ex: <b>tyyritidu</b>	‘escrevente’
<b>tyyriti</b>	‘coisa que serve para desenhar, escrever’
<b>tyyritiheto</b>	‘casa faladora’
<b>ritina</b>	‘rabiscador’

Todos esses recortes têm em comum o radical *-riti-*, morfema polissemêmico, que inicialmente tinha o sentido vinculado aos traços da pintura corporal e

que depois, devido à interação espacial (campo semântico – elementos relacionados à educação escolar), a interpretação semântica de ‘pintura corporal’ se ampliou e passou a ser assimilada com um novo sentido ‘desenhar, pintar, escrever’. Este radical, por sua vez, comutado com outros radicais ou afixos, isto é, unidades efetivas, denota elementos extralingüísticos. Uma descrição mais detalhada será abordada no capítulo de análise morfossintática, fonológica e semântica dos dados.

Retomando o conceito de ‘palavra’ na língua karajá, a hipótese Sapir-Whorf nos fornece, ainda que imprecisa e primária, uma idéia para a conceito de ‘palavra’. Se cada língua recorta a realidade e a molda em categorias lingüísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de ‘palavra’ não pode ter um valor absoluto. Por conseguinte, não é possível estabelecer um conceito uniforme, universal, aplicável a toda e qualquer língua. Haja vista que a teoria whorfiana considera que a delimitação, conceitualização e identificação da unidade léxica, termo proposto por Whorf, só seja possível no interior da cada língua.

Várias são as tentativas de minimizar as ambigüidades e imprecisões do termo ‘palavra’. Isso se dá porque o termo não é autônomo do ponto de vista semântico, fonético-fonológico e nem morfossintático. Deve-se lembrar que a “palavra” correspondem necessariamente certas peculiaridades em cada língua: relações sintagmáticas, traços fônicos, semânticos e formais de separabilidade e valor funcional.

Bloomfield (1930) concebeu a idéia de definir ‘palavra’ de acordo com o critério da autonomia sintática. Para esse lingüista, a palavra seria uma forma livre mínima

(*minimal free form*), capaz de ser usada isoladamente ou de formar por si só uma oração, enquanto uma forma presa (*bound form*) não pode aparecer isoladamente.

Vários são os critérios apontados na delimitação e identificação de ‘palavra’. Para o trabalho, far-se-á necessário, ainda que preliminarmente, definir um conceito próprio na língua karajá. Antes de defini-lo, considera-se imprescindível anexar, além dos aspectos morfo-fonológicos, sintáticos e os semânticos, os critérios de separabilidade e valor funcional, tendo em vista o objeto de trabalho.

Quanto ao critério de separabilidade, este está intrinsecamente ligado ao critério de amálgama. Os constituintes morfológicos (radicais e afixos) apresentam comutados entre si uma coesão mútua que, formada a combinação, corresponde a um *designatum* inter ou extralingüístico. Tais constituintes, como já foi demonstrado anteriormente, podem ser isolados, visto possuir cada elemento uma identificação e valor funcional próprio.

A idéia de identificação e isolamento dos constituintes do *ILI* não deve ser mantida quando os dados corresponderem às expressões onomatopaicas, pois essas são difíceis de isolar no plano formal. O *ILI* resultante, aqui, é motivado não por uma força lingüística interna mas por uma realidade fônica e semântica associada ao novo referente.

Ex: *tytyna* ‘chamador’

Sendo o termo estudado uma unidade lingüística que representa uma relação imediata língua-realidade exterior, dentro do tema focalizado, adota-se o termo *ILI* (Item Lexical Independente) no lugar de ‘palavra’. O *ILI* é apresentado, aqui, como uma unidade

do discurso, munida de conteúdo pertencente ao universo karajá, sujeita a comutações de caráter morfossintático e mudanças no decorrer em que novos elementos são incorporados ao universo lingüístico desse grupo, nesse caso, acarretando uma ampliação no sentido de *LLIs* preexistentes.

## 6 - CAMPOS LÉXICO - SEMÂNTICOS

Todo o *corpus* levantado nos discursos dos informantes foram agrupados em campos léxico-semânticos divididos em: objetos pertinentes à escola; utensílios agrícolas e materiais de construção; objetos eletrônicos e objetos relacionados à compra e venda de materiais. A proposta de se trabalhar com campo léxico-semântico juntos se faz em razão do caráter complementativo de um para o outro.

Não é objeto do trabalho apenas levantar um número de palavras para designar, caracterizar os diferentes aspectos de uma atividade, experiência ou objeto, nem tão pouco reunir um número de significações assumidas por uma palavra num determinado enunciado. Observa-se que ambos os casos possuem como objeto de investigação os meios pelos quais a linguagem propaga o sentido.

Para os karajá, a forma como a linguagem veicula o sentido de novos recortes não deve ser visto apenas com os olhos da semântica. A cosmovisão, que lhe é ímpar, entrelaça-se a fatores extralingüísticos, cujos aspectos também devem ser avaliados.

A proposta de complementaridade dos campos está presente nas idéias de Leborans (1977):

Um conjunto de conceptos que mantienen entre si uma estrecha relación por poseer en común o pertenecer a una misma área conceptual que halla repartida entre ellos, se dice que forma o constituye un campo conceptual.

Si estos conceptos han adquirido una expresión léxica, es decir, si a cada concepto le corresponde una palabra en el plano del lenguaje, hablamos de campo semântico, o de forma más precisa, de campo léxico o léxico-semântico (...) Lá noción de campo semântico hace referencia a un conjunto estructurado, sistemático, de significados de monemas – o mejor, de significaciones – relacionados reciprocamente por un parentesco semântico, estrictamente significativo (...) En este sentido, lá noción de campo semântico es análoga a la de campo conceptual (...) El campo léxico es el campo semântico recubierto totalmente por denominaciones lexicalizadas (...)

Hatch & Bromn (1995) nomeiam, no primeiro momento de suas análises, campo semântico como sendo a relação de itens lexicais dentro de um domínio ou campo e aspecto conceptual a parte que trabalha com vários significados de uma palavra nesse mesmo campo ou domínio.

Coerente com esta proposta, a menção feita por Dubois (1987, p.95) afirma mais uma vez o caráter de dependência dos campos:

“Chama-se campo semântico a área coberta no domínio da significação, por uma palavra, ou um grupo de palavras da língua.”

Há uma grande dificuldade de se trabalhar com o estudo do campo léxico, tendo em vista que o estudo não possui uma metodologia ou técnica que utilize os próprios meios lingüísticos. Justifica-se, pois, a opção por campo léxico-semântico pelo fato de ser um conjunto de itens lexicais significativos, sistematizados por um traço semântico comum, recobrando exata e inteiramente um domínio bem delimitado de significação da experiência humana.

Corroborando a asserção acima, Gipper, H. (1979, p.39) faz notar que:

“O estudo dos campos não resulta de um determinado esquema. A existência da articulação lingüística em campos não é um produto da fantasia humana ou de uma hipótese lingüística, mas sim o simples resultado do esforço humano e, representa conceptualmente a realidade extra-lingüística, que é, em si, infinitamente articulada.(...)”



## 7 - A VISÃO DE HAUGEN E GUILBERT SOBRE O RESULTADO LINGÜÍSTICO DO CONTATO ENTRE LÍNGUAS

Os modelos teóricos sugeridos são os de Haugen (1967) e Guilbert (1975) .

Haugen assinala que durante o contato de duas línguas, há necessariamente, no momento do discurso dos falantes, a quebra ou desvio da norma de um falar.

O autor chama a atenção para alguns axiomas, resultantes do contato entre duas línguas:

- Todo falante reproduz, previamente, padrões lingüísticos apreendidos nas novas situações lingüísticas;
- São adotadas, dentro dos novos padrões lingüísticos do falar-B, situações diferentes do seu padrão lingüístico – falar-A. Conseqüentemente, estas novas situações serão reproduzidas dentro do falar-A. Falar-A é compreendido, aqui, como a língua receptora e falar-B como a importadora.
- A reprodução de novos padrões lingüísticos não se dá no contexto do falar B, mas no contexto de A.

Mediante essas asserções, o autor define empréstimo a partir da reprodução em uma língua de padrões lingüísticos previamente encontrados em uma outra língua.

“The attempted reproduction in one language of patterns previously found in another” (p. 212)

Retomando a idéia de reprodução, termo utilizado por Haugen, que ao nosso ver não deixa de ser também uma adoção, Weinreich (1974), fundamentado nos trabalhos de Haugen, também remete a esta mesma idéia. Vale ressaltar que o termo utilizado por este autor tem um sentido mais amplo, oferecendo um leque maior de opções no que diz respeito ao resultado, de cunho lingüístico, do contato de línguas.

Weinreich menciona o termo interferência, fenômeno, na acepção do autor, que se cria a partir da quebra, desvio, alteração ou reformulação da norma, durante o contato de duas línguas. Assim, interferência implica no rearranjo (reprodução) de padrões resultantes da introdução de elementos externos dentro do domínio de uma dada língua.

Ainda refletindo sobre o termo reprodução, Haugen faz referência ao trabalho de Bloomfield, em que este destaca as dificuldades envolvidas no termo reprodução. Aqui, o termo não implica uma imitação mecânica, ao contrário, a naturalidade da reprodução é que difere da original.

Bloomfield (*apud* Haugen, 1964, p. 212 ) assinala que não é necessário saber se o falante tem consciência ou não do que ele está fazendo. Interessa analisar que o produto se faz por comparar o padrão lingüístico que o falante reproduz com os resultados que ele consegue produzir.

(...) It's clear that loan now current must at some time has appeared as an innovation. (p.212)

Desse modo, empréstimo, em todas as situações referidas, passa a ser considerado como o elemento que, resultante da mistura de duas línguas, passa a pertencer, através de traços lingüísticos, a outro universo lexical. De acordo com Haugen,

o processo que se faz presente é a reprodução e esta deve ser vista à luz do padrão lingüístico nativo comparado com sua imitação no padrão B. Por esse prisma, o empréstimo deve estar de acordo, em maior ou menor grau, com os padrões da língua importadora. O autor estabelece duas formas de reprodução: importação ou substituição.

O primeiro caso ocorre quando o empréstimo possui caracteres semelhantes ao padrão modelo, mas não impede de adequar-se ao padrão morfo-fonológico e sintático da língua receptiva. O segundo, ocorre quando a reprodução se faz de forma inadequada, isto quer dizer, que a unidade importada é substituída dentro do modelo lingüístico de B.

O autor assegura ainda que a causa universal da renovação lexical é a necessidade de designar novas entidades, pessoas, objetos, lugares, conceitos. O empréstimo, neste caso, pode ser descrito como o instrumento capaz de utilizar designações preestabelecidas ao invés de criar ou inventar novas.

A tipologia de empréstimos de Haugen se baseia nos traços fonológicos, morfossintáticos e semânticos. Quanto à especificidade fonológica, o autor a considera como 'loan phonologic'. O falante identifica fonemas do segundo sistema com o primeiro, importando-os, reproduzindo-os, adaptando-os ou substituindo-os em termos da segunda língua. Para o aspecto semântico, ele utiliza o termo 'loan shift', cuja interpretação pode ser compreendida como "extensão", no sentido de mudança, alteração e deslocamento do conteúdo das unidades léxicas que já fazem parte do inventário lexical do sistema receptivo.

Na mesma linha de pensamento, Guilbert (1975, p.92) afirma ser o empréstimo um fenômeno lingüístico cujo estudo está associado à história de formação de

uma língua. Na concepção do autor, empréstimo é compreendido como o elemento que é introduzido e integrado ao sistema da língua receptora a partir de seguimentos de sua própria estrutura lingüística. O falante receptor não realiza uma criação lingüística – atribuição consciente de um conteúdo de significação a um segmento lingüístico – ele, simplesmente, recebe-a pronta ou faz uma adoção.

Ressalta que a neologia por empréstimo não consiste na criação de um novo signo, mas na sua adoção. Ao adotar um novo elemento, a comunidade receptora está adotando, não apenas o novo recorte, mas seu correspondente lingüístico. Segundo ele, a adoção compreende várias etapas durante o decurso de entrada, aceitação e adoção do novo recorte. O recorte assume características diversas, conforme a aceitabilidade, o grau de assimilação pelo grupo, como também, sua integração às especificidade lingüísticas da língua receptora.

Conforme a adoção Guilbert classifica empréstimo em: xenismo, peregrinismo e empréstimos. Considera xenismo a unidade lingüística que permanece com o mesmo correspondente conteúdo-expressão estrangeiro. De uso generalizado, a unidade não passa por processos de adaptação. O peregrinismo é conhecido como o momento inicial da instalação do novo recorte. Todo xenismo, no início do percurso, pode ser considerado como peregrinismo. Por conseguinte, quando esta mesma unidade se encontra verdadeiramente integrada à estrutura lingüística da língua receptora e tem uso generalizado entre os falantes, sem ser mais compreendida como estrangeirismo, esse fenômeno é chamado de empréstimo. Quanto à integração do novo recorte à língua importadora, o autor adota três critérios: fonológico, morfossintático e semântico.

- Critério fonológico – adaptação do novo recorte ao sistema fonológico da língua receptora;
- Critério morfossintático – considera-se integrado o novo recorte que passa a servir de base para derivações, composições, segundo o sistema morfossintático da língua receptora. Em alguns casos, a classe gramatical do recorte estrangeiro mantém sua classe de origem, isto quer dizer, que se era substantivo, permanecerá substantivo na língua importadora, em outros casos, sua classe gramatical pode variar.
- Critério semântico – o autor considera que todo recorte, no momento de entrada, tem caráter monossêmico. Depois de integrado, este novo elemento pode ser estendido semanticamente, passando a ser polissêmico.

Além dos critérios de Guilbert, julga-se necessário, em razão do objeto de trabalho, acrescentar o critério de frequência utilizado por Alves (1984: 124).

- Critério de frequência – alguns recortes não se adaptam aos aspectos lingüísticos estruturais da língua importadora, permanecendo na sua forma original. O que faz com que eles sejam considerados unidades pertencentes ao inventário da língua receptora é o uso freqüente, aceitabilidade e generalização das unidades, ainda que empregados ortográfica e fonologicamente na sua forma nativa.

*(...) geralmente coisa que nunca viram antes... ele adapta a sua língua... então*

*televisão diz televiSÃO... quer dizer a:: o::*

*sotaque dele eh:: não tem outra explicação (...)*

*João Vinhenriá*

## 8 - CRITÉRIO FONOLÓGICO

Haugen (1964) considera interferência fônica quando o falante identifica fonemas do segundo sistema com o primeiro, reproduzindo-os, adaptando-os ou simplesmente substituindo-os em face aos da segunda língua.

De acordo com Sapir (1984) a importação de um falar – A para o falar – B sempre acarreta aos termos estrangeiros uma modificação fonético-fonológica.

Na caso específico karajá nota-se ser o resultado de uma assimilação inconsciente aos hábitos fonético-fonológicos do grupo. Alguns dos empréstimos karajá que sofrem este tipo de interferência são vistos apenas como tentativa de aproximação ao inventário fônico dos mesmos.

### 8.1 - Adaptações condicionadas pelo plano fonológico dos karajá

/‘moto/	/mo’da/	/ t / > / d /
/pa’pew/	/ba’bew/	/ p / > / b /
/‘lapis/	/la’bi/	/ p / > / b /

Outros exemplos de empréstimos que sofrem adaptações fonológicas são os que levam em consideração o traço supra-segmental – acento. Não se pretende aqui fazer um esboço geral e detalhado sobre todos os traços supra segmentais. O que mais nos interessa, dentre estes aspectos, é o acento de intensidade na língua karajá.

De acordo com o trabalho de Cavalcante<sup>11</sup> o acento de intensidade principal, na língua karajá, recai sempre na última sílaba do radical. Vejamos exemplos:

/ boha'sa /	'borracha'
/ kwa'dro /	'quadro'
/ kader'na /	'caderno'
/ gaha'fa /	'garrafa'
/ retra'to /	'retrato'
/ baw'sa /	'balsa'
/ bar'ko /	'barco'

Segue abaixo, uma análise preliminar de um exemplo de criação onomatopaica.

## 8.2 - Criação onomatopaica

A criação onomatopaica está calcada em significantes inéditos, mas não deve ser confundida com a criação *ex-nihilo*. Esta formação não é totalmente arbitrária, é

---

<sup>11</sup> Fonologia Karajá. In Revista do Museu antropológico, v. 1, nº 1.

parcialmente motivada, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade criada e certos ruídos. A parcialidade motivadora, neste caso, se dá pelo som produzido pelo referente que procura representar ou interpretar lingüisticamente o elemento de referência.

O elemento criado, no primeiro momento, não possui nenhum vínculo sêmico com qualquer palavra da língua karajá. Porém, isto não quer dizer que ela seja desprovida de conteúdo semântico; este foi estabelecido ao ser criada a situação enunciativa situacional. Nesse exemplo, a motivação é decorrente do som produzido por um instrumento que serve para reunir a comunidade. Transportou-se, assim, para o sino escolar, que tem a mesma função semântica. Houve também parcialmente o processo de reduplicação dos fonemas.

Ex: / tytyna /      ‘chamador’ (sino)

Afirma-se que esta criação onomatopaica não é uma representação fiel do ruído mas apenas uma interpretação representativa do ruído de forma lingüística voltada ao sistema da língua karajá.



(...) é difícil estudar a língua...”

Sr. Idjaú

## 9 - CRITÉRIO MORFOSSINTÁTICO

### 9.1 - -TYY- e -NYY- um caso de variante morfológica

As alterações manifestadas pelo morfema *tii-* (prefixo pronominal ‘ele, ela’) são representadas pelos alomorfes<sup>12</sup> *tyy-* e *nyy-*, não ocorrendo em distribuição complementar, sendo consideradas aqui como variantes livres ou estilísticas<sup>13</sup>. Na análise dos dados abaixo, verifica-se que a ocorrência de uma ou de outra variante é feita mediante a combinação de afixos mais radicais no plano formal e sintagmático.

Segundo este nível de análise, os alomorfes podem representar a idéia ora de participante do discurso - como agente (pronome sujeito/animado) da ação, ora como elemento neutro para seres inanimados que resultará no produto final - *ILLI*.

<i>tyyritiheto</i>	‘casa faladora’	(sala de aula)
<i>tyyriti</i>	‘coisa que serve para desenhar, escrever’	(papel)
<i>tyyritidu</i>	‘escrevente’	(aluno)
<i>rybenyydu</i>	‘falador’	(professor)

#### Análise do alomorfe *tyy*

---

<sup>12</sup> Matthews (1974; 83)

<sup>13</sup> Dubois (1995; 609)

tyyritidu 'escrevente' (aluno)

tyy- variante de tii-

-riti- radical verbal 'desenhar, escrever'

-du sufixo agentivo

tyyriti 'material que serve para aprender a língua karajá e o português' (livro)

tyy- variante de tii-

-riti radical verbal 'desenhar, escrever'

#### Análise do alomorfe nyy

rybenyydu 'falador' (professor)

rybe- radical verbal 'falar'

-nyy- variante de tii- (pron. pes. ele/ela)

-du sufixo agentivo

Além do condicionamento morfossintático, assinala-se que, diante de elementos exógenos e certos da necessidade de interpretá-los, o grupo utiliza as variantes, de caráter formal e semântico –tyy- e –nyy- para designar elementos externos sobretudo com elementos resultantes do campo léxico-semântico escolar. É importante explicitar que a depreensão deste morfema não se reduz a um mero exercício formal; é fundamental que se leve em conta o elemento semântico.

Com efeito, os alomorfes (prefixos pronominais) se manifestam sempre na condição de caracterização específica de denominar, ou melhor, denotar a função sintática do *designatum* quer como agente (elemento participante ativamente do discurso) ex: *tyyritidu* ‘aluno’, quer como elemento (neutro) participante passivamente do discurso, ex: *tyyriti* ‘livro’.

Além destas variantes *-tyy-* e *-nyy-* do mesmo morfema *-tii-*, têm-se outras variantes, agora como sufixos nominalizadores finais *-na* e *ny*. Estas variantes são decorrentes de aspectos dialetais. Estas variantes são consideradas livres ou estilísticas por Dubois (1998). O autor enfatiza que elas apresentam o mesmo conteúdo semântico, caracterizadores dos novos recortes, provêm da concatenação de categorias linguísticas da própria língua karajá – elementos formadores de unidades preexistente - *LLIs*. Salienta-se, de um modo geral, que os karajá, propriamente ditos, utilizam a variante *-na* e os javaé o *-ny*, entretanto isto não impede a comunicação.

<i>itxerena</i>	‘olhador de gente’	(espelho)	<i>(karajá)</i>
-----------------	--------------------	-----------	-----------------

<i>itxereny</i>	‘olhador de gente’	(espelho)	<i>(javaé)</i>
-----------------	--------------------	-----------	----------------

<i>ijarana</i>	‘corredor’	(bicicleta)	<i>(karajá)</i>
----------------	------------	-------------	-----------------

<i>ijarany</i>	‘corredor’	(bicicleta)	<i>(javaé)</i>
----------------	------------	-------------	----------------

<i>ritina</i>	‘rabiscador’	(lápiz)	<i>(karajá)</i>
---------------	--------------	---------	-----------------

<i>ritiny</i>	‘rabiscador’	(lápiz)	<i>(javaé)</i>
---------------	--------------	---------	----------------

## 9.2 - *ILIs* formados por sufixos nominalizadores e agentivos

Os sufixos nominalizadores *-ny* e *-na* e o agentivo *-du*, elementos de caráter não autônomos e recorrentes, são agregados a um radical com ou sem outro afixo. Entende-se por nominalização karajá o processo morfológico de formar nomes, sobretudo os novos recortes, a partir de outras partes do *ILLI*, unidades lexicais internas, usualmente os verbos. Este tipo de formação lexical é chamada por Matthews<sup>14</sup> de semi-produtividade, ou seja, para o autor novas unidades são formadas por processo criativos.

Esse fenômeno morfológico, observado nos dados abaixo, fomenta a criação de novas unidades, alterando-lhes sempre a classe gramatical durante a concatenação de unidades morfemáticas. A frequência com a qual é utilizada faz perceber que esse tipo de sufixo, caracterizado por nominalizador de posição final, é denotador de elementos exógenos.

itxerena	‘olhador de gente’
i-	‘seu, sua’ (pref. pronominal – 3ª pes. sg. pron poss.)
-txere-	‘olhar’ (rad. verbal)
-na	(suf. nom.)

ijarana      ‘corredor’

---

<sup>14</sup> Citado em Morphology – an introduction to the theory of word-structure, p. 52. É o caso do sufixo inglês *-ition*.

<b>i-</b>	‘seu, sua’ (pref. pronominal – 3 <sup>a</sup> pes. sg. pron poss.)
<b>-jara-</b>	‘correr’ (rad. verbal)
<b>-ny</b>	(suf. nom.)
<b>ritina</b>	‘rabiscador’
<b>riti-</b>	‘escrever, desenhar’ (rad. verbal)
<b>-na</b>	(suf. nom.)
<b>ritiny</b>	‘rabiscador’
<b>riti-</b>	‘escrever, desenhar’ (rad. verbal)
<b>-na</b>	(suf. nom.)
<b>herana</b>	‘fazedor de comida’
<b>hera-</b>	‘cozinhar’ (rad. verbal)
<b>-na</b>	(suf. nom.)
<b>ohojarany</b>	‘vento rodador’
<b>oho-</b>	‘voar’ (rad. verbal)
<b>-jara-</b>	‘correr’ (rad. verbal)
<b>-ny</b>	(suf. nom.)
<b>rybe surona</b>	‘limpador’

rybe ‘dizer’ (rad. verbal)

suro- ‘limpar’(rad. verbal)

-*na* (suf. nom.)

rybena ‘material que serve para aprender a língua karajá e o português’ (livro)

rybe- ‘dizer’ (radical verbal – ‘falar’)

-*na* (suf. nom.)

O sufixo agentivo na língua karajá tem por finalidade a caracterização do ser que pratica a ação verbal.

rybe nyydu ‘falador’

rybe ‘dizer’ (rad. verbal)

nyy- ‘ele’(variante pronominal)

-*du* (suf. nom. agentivo)

iwedu ‘chefe’

i- ‘seu, sua’ (pref. pronominal – pron poss.)

-*we-* ‘chefiar, comandar (rad. verbal)

-*du* (suf. nom. agentivo)

### 9.3 - Motivação morfológica

Palavras como *byrena*, *herana*, *ritina*, *rybena*, *itxerena*, *idjarana* são motivadas pela sua estrutura morfológica. Todas as categorias lingüísticas podem e são analisadas nos morfemas componentes possuidores eles próprios de conteúdo: prefixos possessivos mais radicais nominais ou verbais que adicionadas à partícula nominalizadora *-na* formam as unidades novas. Todas são formadas a partir de categorias pertencentes à língua.

## 9.4 - ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DE ILIs INTERLINGÜÍSTICOS DO LÉXICO KARAJÁ

Apresentamos a seguir o esboço da análise morfofossintática de *ILIs* interlingüísticos feita mediante a cosmovisão karajá.

<b>atará</b>	‘pegador’	( <i>karajá/javaé</i> )
atará	(rad. nominal)	
<b>behuny</b>	‘filtrador’ (recipiente para colocar água)	( <i>javaé</i> )
be-	‘água’ (rad. nom.)	
-huny	‘sair’ (rad. verbal)	

<b>bemona</b>	‘bebedor’ (xícara)	<i>(javaé)</i>
be-	‘água’ (rad. nom.)	
-mona	‘remédio’ (rad. nom.)	
<b>biwheoty</b>	‘voador’ (avião)	<i>(javaé)</i>
biw-	‘acima’ (pref. prep.) / ‘chuva’ (rad. nom.)	
-heoty	‘fogo’ (rad. nom.)	
<b>byrena</b>	‘comida’	<i>(karajá)</i>
byre	‘ingerir comida’ (rad. verbal)	
na	(sufixo nominalizador)	
<b>belybu</b>	‘água preta’ (café)	<i>(karajá/javaé)</i>
be-	‘água’ (bee – radical nominal)	
-lybu	‘cor preta’ (rad. nominal)	
<b>bemona</b>	‘bebedor’ (copo)	<i>(karajá/javaé)</i>
be-	‘água’ (rad. nominal)	
-mona	‘dar remédio’ (rad. verbal)	



<b>beraheoty</b>	‘canoa voadora’ (voadeira – transporte aquático típico da região)	( <i>karajá/javaé</i> )
bera-	‘água’ (rad. nominal)	
-heoty	‘fogo’ (rad. nominal)	
<b>heoty yja</b>	‘carro pequeno’	( <i>javaé</i> )
heoty-	‘fogo’ (rad. nominal)	
-yja	‘pequeno’ (suf. adjetival)	
<b>heotynihiky</b>	‘carro grande’	( <i>karajá/javaé</i> )
heoty-	‘fogo’ (rad. nominal)	
-nihiky	‘grande’ (suf. adjetival)	
<b>herana</b>	‘fazedor de comida’ (panela)	( <i>karajá/javaé</i> )
hera-	‘cozinhar’ (rad. verbal)	
-na	(sufixo nominalizador)	
<b>herana</b>	‘fazedor de comida’ (fogão)	( <i>karajá/javaé</i> )
hera-	‘cozinhar’ (rad. verbal)	
-na	(suf. nom.)	

<b>ijarana</b>	‘corredor’ (bicicleta)	<i>(karajá)</i>
<b>i-</b>	‘seu, sua’ (pref. pronominal – pron poss.)	
<b>-jara-</b>	‘correr’ (rad. verbal)	
<b>-na</b>	(suf. nom.)	

<b>Itateheotyrióre</b>	‘carro pequeno’	<i>(karajá)</i>
<b>itate-</b>	‘chão’ (radical nominal)	
<b>-heoty-</b>	‘fogo’ (radical nominal)	
<b>-rióre</b>	‘pequeno’ (suf. adjetival)	

<b>itateheotynihiky</b>	‘carro grande’	<i>(karajá)</i>
<b>itate-</b>	‘chão’ (radical nominal)	
<b>-heoty-</b>	‘fogo’ (radical nominal)	
<b>-nihiky</b>	‘grande’ (suf. adjetival)	

<b>itxerena</b>	‘olhador de gente’ (televisão)	<i>(karajá/javaé)</i>
<b>i-</b>	‘seu, sua’ (pref. pronominal – pron poss.)	
<b>-txere-</b>	‘olhar’ (rad. verbal)	
<b>-na</b>	(suf nom.)	

**itxerena** ‘olhador de gente’ (espelho) (*karajá/javaé*)  
**i-** ‘seu, sua’ (pref. pronominal – pron poss.)  
**-txere-** ‘olhar’ (rad. verbal)  
**-na** (suf. nom.)

**ixidee itxerena** ‘olhador de gente’ (espelho) (*javaé*)  
**ixi-** ‘si mesmo’ (pref. pron. reflexivo)  
**-dee-** ‘para’(prep.)  
**i-** ‘seu, sua’ (pref. pronominal – pron poss.)  
**-txere-** ‘olhar’ (rad. verbal)  
**-na** (suf. nom.)

**iwedu** ‘chefe’ (diretor) (*javaé*)  
**i-** ‘seu, sua’ (pref. pronominal – pron poss.)  
**-we-** ‘chefe, proprietário, dono’ (rad. nominal)  
**-du** (suf. nom. agentivo)

**ijohony** ‘ouvidor’ (rádio) (*karajá/javaé*)  
**ijo-** ‘outro’ (pref. pronominal)  
**-hony** ‘sair’ (rad. verbal)

<b>ohojarany</b>	‘vento rodador’	(ventilador)	<i>(karajá)</i>
oho-	‘voar’	(rad. verbal)	
-jara-	‘correr’	(rad. verbal)	
-ny	(suf. nom.)		
<b>momony</b>	‘bebedor’	(xícara)	<i>(karajá)</i>
mo-	‘pessoa’	(pref. pronominal)	
-mony	‘dar remédio’	(rad. verbal)	
<b>ritina</b>	‘rabiscador’	(lápiz)	<i>(karajá)</i>
riti-	‘escrever, desenhar’	(rad. verbal)	
-na	(suf. nom.)		
<b>ritiny</b>	‘rabiscador’	(lápiz)	<i>(javaé)</i>
riti-	‘desenhar’	(rad. verbal)	
-na	(suf. nom.)		
<b>ritina</b>	‘rabiscador’	(giz)	<i>(karajá)</i>
riti-	‘desenhar’	(rad. verbal)	
-na	(suf. nom.)		

**rybe nyydu** ‘falador’ (professor) *(javaé)*

rybe ‘dizer’ (rad. verbal)

nyy- ‘ele’ (variante pronominal)

-du (suf. nom. agentivo)

**rybe ritiny** ‘rabiscador’ (giz) *(javaé)*

rybe ‘palavra’ (rad. nom.)

riti- ‘desenhar’ (rad. verbal)

-ny (suf. nom.)

**rybe tyritiny** ‘colocador do rabiscador’ (quadro giz) *(javaé)*

rybe ‘dizer’ (rad. verbal)

tyy ‘ele’ (variante pronominal)

riti- ‘desenhar’ (rad. verbal)

-ny (suf. nom.)

**rybe surona** ‘limpador’ (apagador) *(javaé)*

rybe ‘dizer’ (rad. verbal)

suro- ‘limpar’ (rad. verbal)

-na (suf. nom.)

**rybena** ‘material que serve para aprender a língua karajá e o português’ (livro) (*karajá*)

rybe- ‘falar’ (radical verbal)

-na (suf. nom.)

**rybeoraro** ‘material que serve para aprender a língua karajá e o português’ (livro) (*karajá*)

rybe- ‘falar’ (rad. verbal)

-oraro ‘começar, início da origem da ‘palavra’ (rad. verbal)

**rybemanadu** ‘objeto que transmite som, faz barulho’ (gravador) (*karajá*)

rybe- ‘dizer’ (rad. verbal) – ‘sentido de palavra’

-manadu ‘grupo’ (rad. nominal) – ‘conjunto de palavras’

**rybemanadu** ‘objeto que transmite som’ (telefone) (*karajá*)

rybe- ‘dizer’ (rad. verbal) – ‘sentido de palavra’

-manadu ‘grupo’ (radical nominal) – ‘conjunto de palavras’

<b>rybedydu</b>	‘falador’ (professor)	<i>(karajá)</i>
rybe-	‘dizer’ (rad. verbal)	
-dy-	‘pegar, ter’ (rad. verbal)	
-du	(suf. nom. agentivo)	
<b>ryberaryeny</b>	‘objeto que transmite som, faz barulho’ (aparelho de som)	<i>(karajá)</i>
rybe-	‘dizer’ (rad. verbal) – ‘sentido de palavra’	
-rarye-	‘aumentar o volume’ (rad. verbal)	
-ny	(suf. nom.)	
<b>sihona</b>	‘coçador’ (pente)	<i>(karajá/javaé)</i>
siho-	‘coçar’ (rad. verbal)	
-ny	(suf. nom.)	
<b>txurirany</b>	‘medidor do sol’ (relógio)	<i>(karajá/javaé)</i>
txu-	‘sol’ (rad. nominal)	
-rira-	‘medir, continuar’ (rad. verbal)	
-ny	(suf. nom.)	

<b>tyyritiheto</b>	‘casa faladora’	(sala de aula)	( <i>karajá</i> )
<b>tyy</b>	‘ele’ (variante pronominal )		
<b>riti-</b>	‘desenhar’ (rad. verbal)		
<b>-heto</b>	‘casa’ (rad. nominal)		
<b>tyyriti</b>	‘material que serve para aprender a língua karajá e o português’	(livro)	( <i>javaé</i> )
<b>tyy</b>	‘ele’ (variante pronominal )		
<b>riti</b>	‘desenhar’ (rad. verbal)		
<b>tyyriti</b>	‘coisa para riscar’	(papel)	( <i>javaé</i> )
<b>tyy</b>	‘ele’ (variante pronominal )		
<b>riti</b>	‘desenhar’ (rad. verbal)		
<b>tyyritidu</b>	‘desenhador’	(aluno)	( <i>javaé</i> )
<b>tyy</b>	‘ele’ (variante pronominal )		
<b>riti-</b>	‘desenhar’ (rad. verbal)		
<b>-du</b>	(suf. nom. agentivo)		



**tyyriti surona** 'limpador' (borracha) (*javaé*)

**tyy** 'ele' (variante pronominal)

**riti** 'desenhar' (rad. verbal)

**suro-** 'limpar' (radical verbal)

**-na** (suf. nom.)

**uladu namyhyde** 'chamador' (sino) (*javaé*)

**uladu** 'menino' (rad. nom.)

**na-** (pref. nom.)

**-myhy-** 'lembrar-se' (rad. verbal)

**-dè** (suf. verbalizador)

**yhy ijarany** 'vento rodador' (ventilador) (*javaé*)

**yhy-** 'vento' (rad. nominal)

**i-** 'seu, sua' (pref. pronominal – 3ªp. sg. pron poss.)

**-jara-** 'correr' (rad. verbal)

**-ny** (suf. nom.)

*“(...) ah:: tem rurao... que é quadro de aula... rurao é uma coisa quadrada e põe o nome rurao... a gente quando faz artesanato coloca no rurao... que é quadrado, nê?”*

*Sr. Idjaú*

## **10 - CRITÉRIO SEMÂNTICO**

O conteúdo é um dos termos mais complexos e discutidos da teoria da linguagem. De todos os elementos lingüísticos é o que menos resiste à mudança: a língua é mutacional e transmite-se de um modo descontínuo. Assim, a natureza generalizada e a diversidade de seus aspectos, o critério polissemêmico e a flexibilidade do léxico fomentam a mudança semântica.

Desta forma, a influência estrangeira é tida como a causa mais plausível da mudança de significado na língua karajá. No contato recíproco entre os karajá e a comunidade regional há necessariamente a mudança semântica, ou melhor há extensão semântica de elementos já existentes, uma vez que uma língua serve de modelo à outra.

### **10.1 - O papel do contexto nas relações de significado**

É contestável determinar o significado de uma palavra sem uma contextualização prévia. Ela existe senão pelo contexto e não é nada por si só. A influência

do contexto esclarece que todo elemento lingüístico tem um núcleo sêmico e que somente pode ser delimitado ou modificado através do contexto.

Ulmann (1964) remete-se ao contexto da situação esclarecendo que o termo se refere à situação efetiva em que uma expressão ocorre, mas que leva a uma visão ainda mais ampla do contexto que abrange todo o fundo cultural contra o qual é colocado um ato de fala. Conclui-se que essa concepção de contexto deve exceder os limites da lingüística e transpor para uma análise mais abrangente, isto é, perceber em que condições uma língua é veiculada, discutindo a realidade cultural e o ambiente. Portanto, é apenas no contexto que se determinará o significado dos elementos lingüísticos.

## **10.2 - Relações de significância na língua karajá**

### **10.2.1 - Sinonímia**

A sinonímia representa significantes distintos para significados (quase) idênticos. Trabalha-se na concepção de Vilela (1994):

“os lexemas A e B são sinônimos se denotam o mesmo objeto, o que se verifica apenas em coisas concretas” (p. 28)

Este tipo de sinonímia é caracterizada como sinonímia parcial, explicitada nos exemplos abaixo. Observa-se que o aspecto sinonímico é visualizado nos dialetos javaé e karajá, ambos convivendo no mesmo ambiente. Para se referirem ao mesmo elemento *designatum*, os falantes se utilizam de semas internos quase idênticos que comutados com outras categorias lingüísticas (afixos e radicais) karajá fazem referência ao

elemento extralingüístico, percebido mais exatamente o significado quando contextualizado.

Ex: **ohojarany** ‘vento rodador’ (karajá)

**yhy ijarany** ‘vento rodador’ (javaé)

**itxerena** ‘olhador de gente’ (karajá)

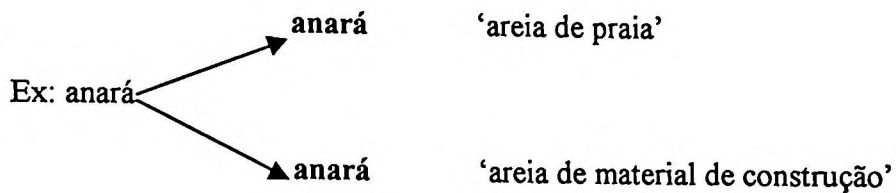
**ixidee itxerena** ‘olhador de gente’ (javaé)

(Ver análise morfossintática dos *LLIs* no capítulo anterior)

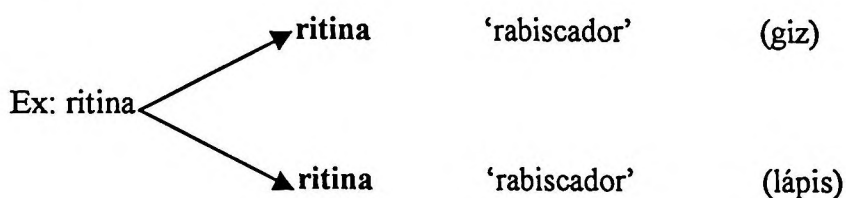
### 10.2.2 - Polissemia

A influência estrangeira fomenta no falar B a mudança de significado de unidades internas. Compreende-se por polissemia o fenômeno que atribui a um significante vários significados. Esta influência pode acarretar a abolição completa do sentido antigo ou este poderá sobreviver ao lado do novo, proporcionando o nascimento da polissemia.

O estado polisssemêmico é uma condição especial da linguagem – lei da economia – que aproveita os próprios recursos lingüísticos da língua para estender o significado de unidades anteriormente monossêmicas. Quanto mais um termo acumula significações mais se pode supor que ele represente aspectos diferentes da realidade intelectual e social.



Tem-se no interior dos semas relações compatíveis de significância – relação de oposição transitiva, ou seja, um núcleo sêmico comum. A polissemia aparece, no exemplo abaixo, como um fenômeno típico de extensão do significado inicial, em que ambos sobrevivem.



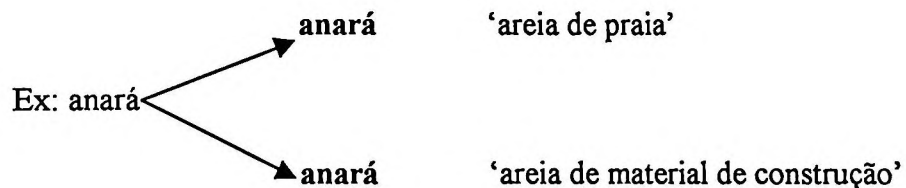
No primeiro momento, o radical *riti-* remete-se aos traços de pintura corporal. Ampliando o conteúdo, como reflexo do dado cultural, passa a ser percebido como o elemento lingüístico relacionado ao ato de escrever. Assim, a polissemia apresenta caracteres de flexibilidade e ambigüidade na língua. Tem-se no seu interior o respaldo lingüístico e a influência contextual. Não importa a diversidade de significados que a unidade lingüística possa adquirir se apenas um deles fizer sentido numa situação contextual.

Ratificando o pensamento acima, Breal (1992) afirma que:

“nem sequer temos de excluir os restantes significados da palavra, estes significados não surgem perante nós, não cruzam o limiar da nossa consciência.”

### 10.2.2.1 - Relações da polissemia com a metáfora

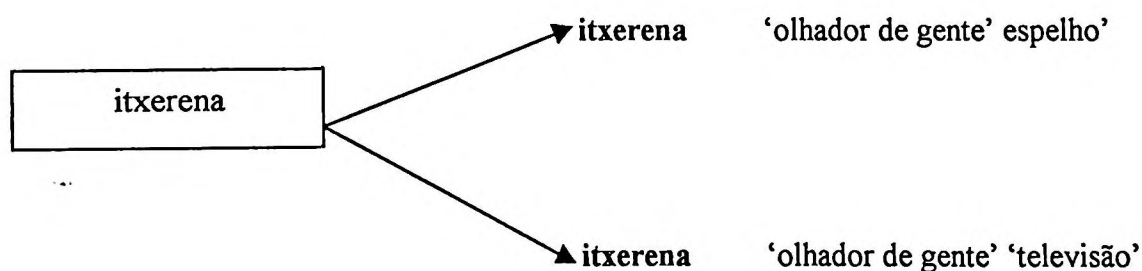
A metáfora, fonte suprema da expressividade da linguagem, participa da polissemia quando esta mantém entre os dois fenômenos uma relação de similitude. Segundo Urban (apud. Ulmann 1964: 338) o fato de um signo poder designar uma coisa sem deixar de ser outra, o fato de que, por ser um signo expressivo da segunda tenha também de o ser para a primeira, é precisamente o que faz da linguagem um instrumento de conhecimento. Esta “tensão acumulada” das palavras é a origem da flexibilidade e da ambigüidade, mas é também a origem dessa predicação analógica, causa única do poder simbólico da linguagem.



Neste exemplo, apoiados na tese de Urban, tendo como princípio que um signo pode se referir a um outro elemento, por vias do que ele denomina de “tensão acumulada”, o conteúdo é estendido em virtude das características do elemento extralingüístico mediante conexões analógicas, ou como trabalha o autor, predicação analógica resultado da tensão e, por conseguinte, da ambigüidade criada entre os dois elementos.

Ulmann (1964) refere-se à metáfora como a teoria da expansão afirmando que de acordo com a teoria poderá o indivíduo pensar na utilização das suas comparações e das suas metáforas como um guia para a descoberta das suas atitudes e processos mentais básicos.

Os falantes karajá, de um modo geral, incorporam elementos extralingüísticos, nomeando-os através de unidades internas por associações analógicas. Utilizando-se da essência de conteúdos de lexemas internos, movendo-os no tempo e no espaço, os karajá ora estendem o sema inicial, criando novos significados para o mesmo elemento, por meio de associações com o *designatum* interno e o extralingüístico; ora eles aproveitam o mesmo conteúdo do *designatum* para designar vários recortes culturais por meio de *ILIs* preexistentes, contando que estes apresentem relações de similitude no interior de seus semas. Ex:



(Ver análise morfossintática dos *ILIs* no capítulo anterior)

O sema comum que dá condições à interpretação é o radical *-txere* 'olhar'. Ambos os *designatum* refletem nos falantes a mesma denotação 'ver imagem', embora

apresentada em nuances diferenciadas: uma mais intensa e a outra menos intensa – ‘ver a imagem de si próprio’ ou ‘ver a imagem do outro.’

### 10.2.3 - Conexões de similitude e contigüidade

#### 10.2.3.1 - Similitude

Não importam as causas que afetam direta e indiretamente a extensão semântica, sempre haverá uma conexão, isto é, uma associação entre o signo novo e o antigo. Naturalmente, estas mudanças ocorrem sobretudo a partir de duas forças: as que se baseiam na associação entre os sentidos e as que envolvem associações entre nomes.

Aristóteles é um dos primeiros a referir-se à metáfora. Ele forneceu algumas sugestões relativas à função semântica da imaginação<sup>15</sup> na expressão do sentido metafórico. A tradição retórica de Aristóteles diz que elaborar boas metáforas é contemplar semelhanças, isto é, ter um *insight* de similaridades. Ulmann (1964) baseia a metáfora em uma estrutura básica: há sempre dois elementos presentes: a coisa a que referimos e aquilo com que estamos a comparar.

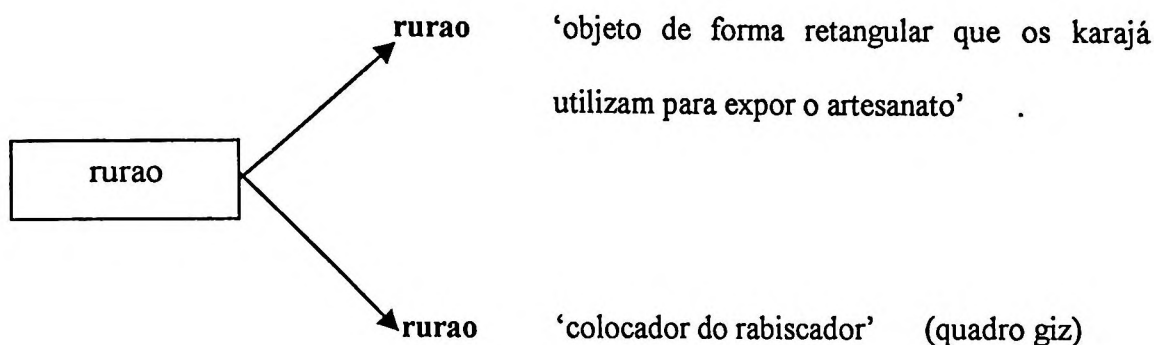
A metáfora está relacionada com a atitude individual do falante. Ela agrega um leque de opções: fator primordial de motivação e expressão, fonte de sinonímia e polissemia, sentimento e imaginação do falante. O caráter de similitude implica naturalmente numa certa gradiência: quanto mais próximo estiverem dois elementos mais

---

<sup>15</sup> Termo atribuído por Ricoeur (apud Sacks, 1992, p. 145) “Por teoria semântica da imaginação quero me referir a uma análise da capacidade da metáfora de fornecer informação intraduzível e, ao mesmo tempo, a pretensão da metáfora de propor um verdadeiro *insight* da realidade...” O autor descreve *insight* como a imagem ou sentimento da realidade.

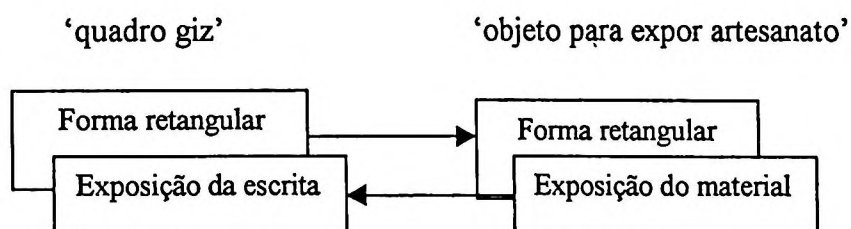


desprovidos de qualidades expressivas eles serão, no entanto quanto mais afastados forem os dois elementos maior será a tensão criada entre eles.



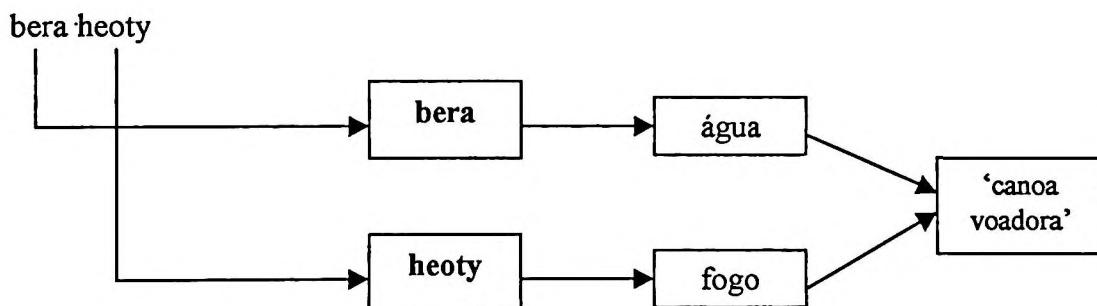
Haugen (1964), descreve a metáfora em termos de desvios. No lugar de atribuir a uma coisa sua denominação usual, ela passa a ser designada a outra coisa em face de um dado novo.

Assim, uma das discussões que encontramos na tese acima é primeiro tentar compreender como a semelhança atua na produção do significado e, a segunda é relacionar o dado icônico no trabalho de similitude.



### 10.2.3.2 - Contigüidade

Menos interessante que a metáfora, ainda que para alguns também seja considerada uma vertente da metáfora, Dubois (1995) estabelece ser a metonímia uma simples transferência de denominação. Para ele, a palavra é reservada para designar o fenômeno lingüístico pelo qual uma noção é designada por um termo diferente do que seria necessário, sendo dois elementos ligados não por relações de semelhanças mas de causa e efeito, parte pelo todo, etc.



De acordo com Breal (1992), a ampliação do sentido, sobretudo, é freqüente em palavras compostas. Por isso, afirma que a junção de dois termos deve ser interpretada pelo todo, considerando apenas o produto final, visto ambos os termos estarem numa relação de inclusão – parte pelo todo. A associação imbutida está implicada nos elementos que compõem o conjunto final. O grupo designa o novo elemento pelas suas partes: fogo e água, elementos indispensáveis, na visão do grupo, para o funcionamento do *designatum*.

Nota-se que esta relação de implicação é verificada quando os karajá estabelecem, para o novo *designatum*, partes indispensáveis, já que eles possuem o transporte “canoa”, embora este não possua as novas atribuições: agilidade e velocidade .

## **CAPÍTULO 111**

### **1 - MECANISMOS E PROCESSOS QUE PARTICIPAM DA INSERÇÃO DE NOVOS RECORTES AO LÉXICO KARAJÁ**

#### **1.1 - MECANISMOS DE AMPLIAÇÃO DO LÉXICO KARAJÁ**

Toda língua é constituída fundamentalmente por duas categorias morfológicas: os lexemas ou palavras que fazem parte de um inventário lingüístico aberto (verbos, substantivos, adjetivos, etc), sempre em processo de expansão, com um forte componente semântico, que remete a um universo extralingüístico; e os gramemas, mais restritos, de significação interna (preposições, artigos, etc), tendo como papel a organização e estruturação interna da língua.

Desse modo, a língua, através do inventário lexical, que a conecta ao mundo exterior, retrata a cultura da sociedade a qual serve como meio de expressão. Um dos primeiros quesitos para que possa ocorrer modificações no sistema lingüístico-cultural de uma língua é a criatividade humana. Isto serve como ponte mediadora entre os elementos novos da realidade externa e o sistema lingüístico da língua.

A ampliação lexical karajá, pelo empréstimo, constitui uma adoção e/ou adequação de traços lingüísticos da língua importada para o seu sistema e, tem como determinantes fins culturais e funcionais.

De um modo geral, toda língua, em uso, tem seus mecanismos de ampliação do léxico:

- criação lexical a partir de estruturas morfemáticas internas;
- adoção e adaptação de uma nova unidade de língua estrangeira.

Como o foco da pesquisa são os empréstimos na língua karajá, o estudo se centraliza no último aspecto, que é a adoção e adaptação da unidade importadora ao inventário lingüístico do grupo em questão. Embora o objeto do trabalho seja os empréstimos lingüísticos entre os karajá identificados pelo grupo por meio do mecanismo mencionado anteriormente, não se deve desprezar a realidade lingüístico-cultural dos karajá quando se refere à renovação lexical.

Com efeito, os falantes, sobretudo os mais velhos, procuram encontrar na sua própria língua elementos que podem designar, mediante extensão semântica, os novos recortes culturais. Consta que, entre estes informantes, esta é uma forma de preservação e defesa da identidade lingüístico-cultural do grupo.

## 1.2 - PROCESSOS QUE PARTICIPAM DA RENOVAÇÃO LEXICAL KARAJÁ

Para se chegar à sistematização dos processos que envolvem a renovação lexical karajá, explicitamos, de uma forma mais ampla, os aspectos que possibilitam a criação neológica na língua. Segundo Barbosa (1996), todos os aspectos têm como base a competência lingüística dos falantes que, consciente ou inconscientemente, a utiliza na criação neológica, na renovação da norma e do sistema.

Centrados na língua karajá e embasados nos pressupostos da autora, apreciamos e explicitamos algumas observações que ela faz com relação aos processos de formação de palavras neológicas:

- a- O novo recorte pode decorrer de uma alteração no significado, conservando-se o mesmo significante. Esse mecanismo gera a polissemia e a homonímia;
- b- O novo recorte pode resultar de uma transformação sintagmática. Na língua karajá, muitos dos novos recortes são feitos a partir da concatenação de unidades efetivas. Neste caso específico, o produto final, resultante do encadeamento de unidades, tem como base conexões por similitude e contigüidade. É importante observar o caráter aglutinante da língua karajá;
- c- O novo recorte pode decorrer da importação de um termo que pertença a outro sistema lingüístico;
- d- O novo recorte pode ser resultado de uma criação onomatopaica.  
(grifos nossos)

Este último aspecto foi inserido em virtude da cosmovisão karajá que durante o processo de análise e descrição do *corpus* karajá, estabeleceu-se três modalidades que participam da renovação lexical do grupo, seja por via de adoção e adaptação da unidade exógena, seja a partir de *LLIs* preexistentes.

a) *Importação total ou parcial do novo recorte* – a unidade importada, sem referência de significado na língua receptora, chega com o correspondente conteúdo-expressão próprio da língua estrangeira.

De acordo com os dados do *corpus* levantado, a grande maioria destes elementos se encaixam no campo léxico-semântico de materiais de construção e agrícola.

Ex: tijolu

pregu

foici

parafusu

telha

b) *Adaptação fonológica* - aproximação da nova unidade ao inventário fônico karajá.

Haugen (1964) diz que durante o contato entre A e B, no momento do discurso do bilíngüe, acontecem desvios na norma, ocasionados pela transferência de elementos de A para B.

Considerando que o empréstimo karajá se faz a partir da adoção ou adaptação de novos recortes culturais ao sistema e que a efetivação e consolidação desse recorte na língua se faz pelo entrelaçamento de aspectos lingüísticos e não-lingüísticos, conclui-se que a interferência fônica se encaixa harmoniosamente nesse tipo de mecanismo de ampliação do léxico karajá e, por conseguinte, como processo de inserção desta unidade ao universo lexical desse grupo. Desta forma, a percepção e a interpretação do acento pelo falante karajá são descritas em termos de seu próprio sistema fônico.

Não é objeto deste estudo descrever em pormenores os processos e mecanismos que interferem nos empréstimos de caráter fonológicos. Intenciona-se analisá-los e descrevê-los apenas como resultado de uma aproximação ao sistema fônico karajá.

Ex: <b>xabeo</b>	‘chapéu’
<b>caderna</b>	‘caderno’
<b>nieru</b>	‘dinheiro’
<b>serveza</b>	‘cervejá’
<b>labi</b>	‘lápiz’
<b>bohaxa</b>	‘borracha’
<b>moda</b>	‘moto’
<b>kuadro</b>	‘quadro’
<b>gahafa</b>	‘garrafa’
<b>retrato</b>	‘retrato’



papele      ‘papel’

Estes dois primeiros processos são compreendidos, aqui, como unidades neológicas inseridas via adoção e adaptação do novo recorte ao inventário lexical karajá..

c) *Extensão semântica* - utilização de unidades internas para denominar o novo *designatum*, modificando-se ou deslocando-se a relação conteúdo-expressão. A unidade efetiva inicialmente monossêmica, torna-se polissêmica. Nessa modalidade, o aspecto semântico tem o caráter de ampliação do conteúdo da unidade lingüística interna.

Segundo Ulmann (1964), o termo extensão se aplica a uma maior variedade de coisas, porém ao mesmo tempo, a sua intensidade diminuirá com relação às coisas a que se refere. E acrescenta que geralmente a extensão está ligada a forças sociais, no caso karajá, à interação e dependência do grupo com a comunidade regional envolvente.

É preciso observar que nesta ampliação de conteúdo, um elemento que sobrevive em um meio limitado de conteúdo, poderá perder durante o processo de extensão semântica alguns de seus traços distintivos. Neste tipo de modalidade, o novo recorte não pode ser considerado empréstimo porque acontece apenas adequações de *ILIs* preexistentes no karajá, por meio da ampliação do sentido.

Ex: **anará**

(1ª *acepção*) ‘areia de praia’

(2ª *acepção-estendida*) ‘areia’ (material de construção)

Ex: **rurao**

(1ª *acepção*) ‘objeto feito de palha de forma retangular, utilizado para exposição do artesanato’

(2ª *acepção-estendida*) ‘colocador do rabiscador’ (quadro giz)

Em alguns casos, ocorre a junção de dois ou mais elementos internos para interpretar novo recorte cultural. Neste caso específico, o significado das estruturas léxicas internas (lexemas e gramemas) não é alterada, como também, não deve ser compreendida isoladamente. A apreensão do produto final, feita através da comutação destes elementos internos, deve estar associada aos fatores de contigüidade e similaridade com relação ao *designatum*. Para maiores detalhes sobre o exemplo explicitado abaixo, veja-se o exemplo analisado no capítulo sobre conexões por similitude e contigüidade.

Ex: **beraheoty** ‘canoa voadora’ (voadeira – transporte aquático típico da região)

bera- ‘água’

-heoty ‘fogo’

*“(...) geralmente... porque nunca viram antes uma coisa assim...  
igual essa aí:... geralmente ele adapta a sua língua... então  
televisão diz televiSÃO (...) na Txuirí, eles fala itxerena aqui se  
fala televiSÃO (...)”*

(depoimento João Vihenriá, dezembro de 98)

## CONCLUSÃO

O que mais nos chamou a atenção, no decorrer do processo de análise e descrição dos dados, foi a diversidade de critérios lingüísticos e não lingüísticos implicada no estudo. É importante destacar que o resultado apresentado não deve ser considerado conclusivo. O dinamismo da língua karajá e a criatividade dos falantes, fazem-se presentes nas ações diárias do grupo. Ou seja, eles se encontram em constante renovação lexical.

Salienta-se que o *corpus* levantado corrobora apenas as hipóteses sugeridas no início do trabalho, haja vista que a criatividade lingüística dos falantes é bem mais ampla que os dados compilados. Assim, o que temos é apenas um resultado parcial de uma realidade lingüística multifacetada, de caráter mutacional e criativa, que circunda todo o grupo.

Por outro lado, a análise descritiva do *corpus* permitiu estabelecer os critérios que apoiaram a discussão: critérios não lingüísticos, concomitantemente, com os

lingüísticos. Ambos possibilitaram compilar as modalidades de inserção de novos recortes no léxico karajá: adaptação fonológica, importação total ou parcial do novo recorte e extensão semântica.

A delimitação dos campos léxico-semânticos proporcionou uma sistematização mais segura e coesa com relação à análise. A partir da delimitação, surgiu a necessidade de se avaliarem certos aspectos sociolingüísticos. Critérios como idade e proficiência na segunda língua permitiram fixar as nuances que permeiam o aspecto da incorporação de novos elementos. As crianças, sem proficiência na segunda língua, incorporavam-nos através da interferência fônica, isto é, aproximação dos novos elementos ao sistema fônico karajá; enquanto os mais velhos sentiam-se estimulados a utilizar o recurso da extensão semântica de elementos da própria língua, apoiados na tese de que desta forma estariam valorizando o saber lingüístico do grupo.

A tese acima é corroborada quando enfatizamos que o homem é um ser sociável, reflexo da situação sócio-cultural em vive. Sua sociabilidade está associada ao caráter lingüístico e, quando este mesmo homem se encontra diante de outro ambiente lingüístico, acontece naturalmente a ampliação, transgressão, reformulação e até mesmo a transformação do seu sistema lingüístico-semiótico e, por conseguinte, da sua cosmovisão.

Uma das formas de se concretizar este intercâmbio é por vias da reprodução, isto implica em reproduzir em uma língua padrões lingüísticos previamente encontrados em uma outra língua. Comumente, tal fenômeno lingüístico é denominado de neologia por empréstimo. E isto de acordo com Guilbert (1975) não consiste na criação de um novo signo, mas na sua adoção.

Fundamentados nesta asserção, cujos critérios preenchem um dos mecanismos expostos durante o trabalho - neologia por empréstimo na língua karajá -, o elemento é incorporado ao léxico por adoção ou adaptação do novo recorte ao sistema lingüístico do grupo, sistematizado sob a ótica da aproximação do novo recorte ao inventário fônico e, também, por meio da inserção parcial ou total do conteúdo-expressão. Além desses, levando em consideração os critérios não lingüísticos, propomos que a neologia karajá também ocorre sob a forma da extensão semântica, ou seja, ampliação por similitude ou contiguidade de unidades efetivas, denominadas de *ILIs* (Itens lexicais independentes).

A apresentação do *ILI*, termo que substitui “palavra”, compreendido como ambíguo e impreciso, proporcionou, ainda que em tese, um conceito que justificasse as discussões propostas: unidade do discurso, munida de conteúdo pertencente ao universo karajá, sujeita a comutações de caráter morfossintático e semânticos na medida em que elementos novos adentram o universo lingüístico desse grupo, nesse caso, acarretando uma ampliação no sentido de *ILIs* preexistentes. Com efeito, assinalamos ainda que o universo lingüístico karajá é gerador de possibilidades, tendo como agente precursor o ambiente circundante do grupo. Acrescentamos ainda que é neste ambiente que o karajá, motivado pela criatividade e atendendo às necessidade comunicativas dos falantes, fomenta a dinamização na renovação do inventário léxico do grupo.

Consideramos ainda que um dos aspectos motivadores que compreende o processo de dinamização na ampliação do léxico do grupo é a preservação da identidade lingüística e cultural, reconhecida e sustentada pela comunidade, sobretudo nos índios mais

antigos. Este sentimento de preservação é verificado tanto na extensão semântica de itens já lexicalizados, quanto na criação de novos recortes a partir de estruturas morfológicas internas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, I. M<sup>a</sup>. (1990) *Neologismo - Criação Lexical*. São Paulo, Ática.
- \_\_\_\_\_ (1984) A integração dos neologismos por empréstimos ao léxico português. *ALFA*, São Paulo, V. 28, 119-126.
- ANDERSON, S. R. (1992) *Morphous Morphology*. London, Cambridge University.
- ARTIAGA, Z. *História dos índios de Goiás*. Uberaba, Triângulo, s/d.
- BALDINGER, K. (1966) Semasiologia e onomasiologia. *ALFA*, Marília, V. 9, 7-36.
- BARBOSA, M.A. (1996) *Língua e Discurso: Contribuição aos estudos semânticos-sintáticos*. São Paulo, Global.
- \_\_\_\_\_ (1996) *Léxico, Produção e Criatividade*. São Paulo, Plêiade.
- BASÍLIO, M. (1987) *Teoria lexical*. São Paulo, Ática.
- BENVENISTE, E. (1987) *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Nacional/USP.
- BIDERMAN, M<sup>a</sup> T. (1978) *Teoria lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro, LTC.
- BLOOMFIELD, L. (1961) *Language*. New York, Holt.
- BRÉAL, M. (1992) *Ensaio de semântica*. São Paulo, EDUC/Pontes.
- CÂMARA, J. M. (1977) *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, Editora do Livro Técnico/MEC.
- \_\_\_\_\_ (1964) *Princípios da lingüística geral*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- \_\_\_\_\_ (1969) *Estruturas da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes.

- CARVALHO, N. (1989) *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo, Ática.
- CASSANO, P. (1987) Contacts de langues et emprunts linguistic. *ORBIS*, V. 32 (1), 32-51.
- CASSIER (1933) *Le language et la construction du monde des objects*. p. 44 a 47
- CAVALCANTE, M. P. (1992) Fonologia Karajá. *Revista do Museu Antropológico/UFG*, V.1, nº 1, 64 -75.
- COSERIU, E.(1980)*Lições da lingüística geral*. Rio de Janeiro, Livro Técnico.
- \_\_\_\_\_ (1967) *Teoría del language y lingüística general*. Madrid, Gredos.
- \_\_\_\_\_ (1977) *El hombre e su language*. Madrid, Gredos.
- CORNEILLE, J. P. (1982) A lingüística estrutural – seu alcance e seus limites. Coimbra, Almedina
- CRISTAL, D. (1990) *A dictionary of linguistics and fonetics*. Oxford, Basil Blackwell, p. 183.
- DUBOIS (1987) *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- DUCROT (1972) *Dire et ne pas dire – Principes de semantique*. Paris, Herman.
- FERNÁNDEZ LEBORANS, M. J. (1977) Campo semantico u campo conceptual. *Campo semántico u connotación*. Madrid, Planeta, 35-36.
- FISHMAN, I. (1964) Language maintenance and language shifts as field of inquiry *Linguistic* , V. 9, 32-70.
- FORTUNE e FORTUNE (1964) *Karaja grammar*. Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- \_\_\_\_\_ (1964) *The phonemas of the Karajá language*. Rio de Janeiro, Museu Nacional.



- GENOUVRIER e PEYTARD. (1974) *Linguística e ensino do português*. Coimbra: Almedina.
- GUILBERT, L. (1975) *La créativité lexicale*. Paris, Larousse.
- GUIRAULD, P. (1960) *Problèmes et méthodes de la statistique linguistique*. Paris, PUF.
- HAUGEN., E. (1964) The analysis of linguistic borrowing. *Language*, V.26, 211-231.
- HJEMSLEV, L.(1975) *Prolegômenos da teoria dos signos*. São Paulo, Perspectiva.
- KAHANE, H (1986) A Typology of the prestige language. *Language* V. 62 (3), 495-508.
- LEZA, J.L.I. (1995) *Reflexiones sobre la identidad étnica*. Guadalajara, Universidad de Guadalajara.
- LIPKIND (1963) The Caraja. *Handbook of South American Indians*. New York, Smithsonian Institute, V. 3, 179 – 191..
- LOPES, E. (1975) *Fundamentos da linguística contemporânea* . São Paulo, Cultrix.
- LYONS, J. (1977) *Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ (1968) *Introduction to a theory linguistic*. London & New York, Cambridge University Press.
- MAISON (1950) South american indians. *Handbook of south american*. New York, Cooper Square Publishers.
- MARTINET, A. (1970) *Éléments de linguistique générale*. Paris, Colin.
- MATTHEWS, P. (1989) *Morphology: an introduction to theory of word-structure* Cambridge, Cambridge University Press.
- MEILLET e COHEN ( 1952 ) *Les langues du mundi par un groupe de linguisties*. Paris, CNPOS.

- MELATTI, J. C. (1948) *Índios do Brasil*. São Paulo, Hucitec.
- MORRIS, C. (1976) *Fundamentos da teoria dos signos*. Rio de Janeiro, Eldora Tijuca.
- MULLER, C. (1968) *Initiation à la statistique linguistique*. Paris, Larousse.
- NIDA, E. (1961) *Morphology*. Michigan, Michigan University Press.
- PALHA, F. L. (1946) *Ensaio de gramática*. Rio de Janeiro, Olímpica.
- PEIRCE, C. (1977) *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva.
- POPLACK, SANKOFF, MILIER. The Lexical correlates and linguistic processes of lexical borrowing and assimilation. *Linguistic* V. 26 (1), 47-104
- RODRIGUES, A. (1994) *Línguas brasileiras: Para o conhecimento da línguas brasileiras*. São Paulo, Loyola.
- SACKS, S. (org) (1992) *Da metáfora*. São Paulo, EDUC/Pontes.
- SANDMANN, A. (1992) *Morfologia Lexical*. São Paulo, Contexto.
- SAPIR, E. (1984) *El language*. México, Fondo de Cultura Econômica.
- SCOTTON, I e OKEJU, I. Neighbors and lexical borrowings. *Language* V. 49 (4), 871-889.
- THOMASON, S. & KAUFMAN, T. (1988) *Language contact, creolization, and genetic linguistic*. Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press.
- ULLMANN, S. (1957) *The principles of semantics. A linguistic approach to meaning*. Oxford, Fundação
- \_\_\_\_\_ (1964) *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian.
- VILELA, M. (1979) *Estruturas léxicas do português*. Coimbra, Almedina.

- \_\_\_\_\_ (1979) *Problemas de lexicologia e lexicografia*. Porto, Civilização.
- WEINREICH, U. (1974) *Languages in contact: findings and problems*. Paris, Mouton.
- WHORF, B. (1971) *Language, pensamiento y realidad*. Barcelona, Seix Barral.
- WOLF, L. (1990) Signo lingüístico u estructuras semânticas. *La lexicografía – Dela lingüística teórica a la lexicografía práctica*. 335 e 336.